



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Instituto de Ciências Sociais**

**Departamento de Antropologia**

**“Esses bichos sugam a vida da gente”. Relações de criação e cultivo da vida no Góes-CE.**

**Nathan Lima Virgílio**

**Brasília - 2014**

Nathan Lima Virgílio

**“Esses bichos sugam a vida da gente”. Relações de criação e cultivo da vida no  
Góes-CE.**

Monografia apresentada junto ao  
Instituto de Ciências Sociais da  
Universidade de Brasília, como  
requisito parcial à obtenção do grau  
de Bacharel em Ciências Sociais,  
com habilitação em Antropologia.

Orientadora: Prof. Dra. Antonádia  
Monteiro Borges (ICS/DAN/UnB).

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Antonádia Monteiro Borges (DAN/UnB)

Prof. Dra. Mariza Gomes e Souza Peirano (DAN/UnB)

Brasília - 2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Antropologia

Monografia apresentada junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

“Esses bichos sugam a vida da gente”. Relações de criação e cultivo da vida no  
Góes-CE.

Nathan Lima Virgílio

Aprovado por:

---

Prof. Dra. Antonádia Monteiro Borges.

---

Prof. Dra. Mariza Gomes e Souza Peirano.

*Dedico este trabalho aos meus pais, Iêda Marques Lima Virgílio e Antônio Matias Virgílio e aos meus avós, Gonçala Marques de Lima e Expedito Marques Santana.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus avós, pela imensurável contribuição que deram à construção desse trabalho.

Agradeço às minhas irmãs, pela existência delas.

Agradeço aos meus pais, que me forneceram absoluto apoio não apenas no momento de minha pesquisa, mas durante toda minha graduação, além de terem-me fornecido minha existência e de preservar com suas próprias vidas.

Agradeço à tia Valdete, que me hospedou em sua casa durante toda minha graduação.

Agradeço à tia Vanilde, que me hospedava em sua casa, quando eu viajava à Nova Russas.

Agradeço aos meus colegas e professores de graduação que me fizeram companhia durante várias aulas e em conversas pelos corredores da UnB, dando, com certeza, sentido à minha jornada antropológica que está apenas começando.

Agradeço aos meus amigos do Ceará, Ruan, Max, Caio, Henrique, Vicenth, Luciano, Jean, Honório, André Luis (primo), Álvaro (primo), Anthony (primo) pelas brincadeiras, risadas, companhias, ensinamentos e por tudo aquilo que verdadeiros amigos podem oferecer.

Agradeço aos meus amigos de internet, Amadeus, Anne, Jennifer, Filipe, que me fizeram perceber que verdadeiras amizades podem surgir de forma inexplicável, em qualquer lugar e por qualquer meio, além de terem me descontraído em momentos de estresse gerados por meus trabalhos de graduação.

Agradeço às criaturas que fizeram parte desse trabalho.

Agradeço aos meus colegas do grupo GESTA pela troca de conhecimento e pelas importantíssimas dicas, que contribuíram para a finalização dessa monografia.

Agradeço à minha orientadora, Antonádia Borges, pelas aulas inesquecíveis de Teoria Antropológica 2 e de Sociedades Complexas, por ter me aceitado como orientando, pelas dicas e pelos incentivos preciosos que vem me dando desde a disciplina de Seminário.

## RESUMO

A presente monografia é resultado de um trabalho de campo desenvolvido na casa de meus avós, localizada em uma comunidade rural chamada Góes, estado do Ceará. Por meio de *paisagens* distribuídas em três capítulos, nos envolveremos com o convívio diário entre meus avós, suas criações e uma diversidade de outras criaturas. Como veremos, a principal razão de ser desse convívio é a cultivação e manutenção da vida não só de meus avós, mas de todas aquelas criaturas que, ao produzirem vida, têm suas vidas reproduzidas. Em outras palavras, todas essas criaturas, ao se relacionarem, recebem vida em troca de vida. Nascimento, manutenção da vida e morte são os produtos e os produtores dessas relações; mais do que etapas, compõem o pano de fundo sobre o qual diversas criaturas desenham suas existências; são processos que as envolvem em *paisagens* onde a vida e a morte, em vez de se apresentarem como o ponto inicial e final de existências, aparecem como duas faces de uma mesma moeda que circula entre elas.

**Palavras-Chave:** Antropologia das paisagens, relações de vida e morte, etnografia entre os avós, sertão cearense.

**ABSTRACT.**

This monograph is the result of a fieldwork carried out in my grandparents' house, located in a rural community called Góes, State of Ceará. Through *sceneries* distributed in three chapters, we will get involved with the interaction of my grandparents with its livestock and with a diversity of other creatures. As we will see, that interaction results in the cultivation and maintenance of my grandparents' life as well as the life of those creatures that survive by producing lives. In other words, when all of those creatures relate to each other, they receive life in exchange for life. Birth, maintenance of life and death are the products and the producers of these relations; more than stages, they are part of a backdrop on which life and death are not the beginnings and the full stop of existences, but two sides of a same coin that circulates among them.

## SUMÁRIO

<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO (TEMA) 1 – O NASCIMENTO.....</b>	<b>22</b>
<b>1.1 O NASCIMENTO COMO UM PROCESSO TRABALHOSO .....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO (TEMA) 2 – A MANUTENÇÃO DA VIDA.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO (TEMA) 3 – A MORTE .....</b>	<b>60</b>
<b>3.1 A MORTE SE PROCESSANDO .....</b>	<b>64</b>
<b>RECORTES.....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>73</b>



## METODOLOGIA.

A não ser que você, leitora ou leitor, já tenha experimentado o calor de uma hora da tarde, derramado pela caldeira que ferve no céu do sertão de Crateús, localizado no Ceará, nunca terá ideia do alívio que senti quando encontrei uma poltrona vaga na van, que eu esperava havia mais de meia-hora. E o vento, que começou a soprar com o movimento do veículo, me fez perceber que poucas coisas poderiam ser tão prazerosas quanto senti-lo deslizar sobre meu rosto. A van, que não estava lotada, partia comigo de Crateús-CE e me abandonaria no Góes, distrito de Ipueiras-CE, lugar onde foi construída a pesquisa de campo da qual brotou a presente monografia.

As fisionomias que me acompanhavam naquela van, para as quais eu mirava com olhares fugidios, denunciavam um fastio misturado com a resignação diante da ideia de que a estrada significaria, nas próximas horas, um obstáculo monótono e persistente à satisfação do desejo de chegar a um destino.

E essa monotonia convidou-me a uma série de reflexões tão profundas, que eu poderia ter me afogado em meus pensamentos; pensamentos sobre o que eu (me) encontraria no Góes. Claro que os longos finais de semana que eu havia passado nesse lugar, antes de ter partido rumo à Brasília, com a convicção de encontrar, nas ciências sociais, algum meio de “mudar o mundo” – romântica ilusão juvenil – me faziam crer que eu não nadaria em rios absolutamente desconhecidos. Mil reminiscências de minha infância e adolescência me anunciavam muitas das pessoas e lugares que, provavelmente, construiriam o trabalho de campo porvir. Quantas vezes já estivera eu rumo ao Góes, nas tardes de sábado, após um dia de trabalho como assistente na loja de meu pai, em Nova Russas-CE? Quantas vezes já havia esperado uma van ou “carros de horário”, que sempre pareciam atravessar a eternidade, antes de passar pela “parada”? Mas dessa vez era diferente. Encontrava-me naquela van abafada na companhia de lembranças, que davam forma e substância a pessoas e lugares, a personagens nascidos em romances, filmes, contos, anedotas ou em minha própria imaginação. Para ser sincero, em certa altura, senti que estava em meio a uma assembleia inusitada constituída por essas inúmeras reminiscências. E a pauta principal da reunião era nada mais que os métodos etnográficos que eu deveria “usar” na pesquisa porvir. Sobre isso, as opiniões se multiplicavam.

O burburinho era intenso. Uma pororoca não faria tanto estardalhaço. Uns falando sem ouvir os companheiros. Outros ouvindo, sem saber o significado do que ouviam. Isso continuou até que um dos personagens, nomeadamente Durkheim, resolveu fazer-se percebido definitivamente, e ouvido em tom claro. *Diga então, Durkheim, o que vossa senhoria propõe?* Assim, com seu bigode minuciosamente aparado e óculos quase imperceptíveis, Durkheim levantou-se de sua cadeira e flanou, com o auxílio de sua bengala, até o palanque. Após tirar alguns papéis amaçados de um dos bolsos internos de seu comprido casaco, ele começou o monólogo:

- Alguns dos presentes, possivelmente, já estão informados sobre o conjunto de ideias que expus na minha tese intitulada, *Divisão do Trabalho Social*, publicada em 1893. Pois bem, é basicamente nela que apoiarei meu discurso. Existe um sistema de representações normativas que norteiam as ações em dada sociedade. Tais representações são nada mais do que a consciência coletiva, ou seja, o conjunto de crenças e sentimentos comuns aos membros de uma mesma sociedade. Por que não chamamos essa consciência de psique social? Ela é como o cérebro da sociedade que interpreta todas as sensações do corpo social e, a partir dessa interpretação ou intuição, reage de determinada maneira. Quem fizer parte desse corpo social, reagirá em uníssono à consciência coletiva, a não ser que a loucura individual seja mais forte. Todavia, em casos normais, a consciência, compreendendo o próprio conjunto de regras ou a própria moralidade, determina as reações de cada membro do corpo social diante dos acontecimentos em sociedade. Diante disso, a chave para a compreensão dos fatos sociais está na análise dessa consciência coletiva, por meio de suas consequências observáveis, já que, ela mesma é impalpável e não está passível, portanto, de uma análise propriamente científica.

O silêncio, que se instalara em toda a assembleia durante o discurso de Durkheim, continuou mesmo após a última palavra proferida pelo velho sociólogo. Todos pareciam um tanto chocados com o que ele acabara de dizer. Para onde quer que eu olhasse, os presentes cochichavam ao pé do ouvido de colegas e vizinhos de assento. Então, quando Durkheim já se preparava para deixar o palanque, ouviu-se um grito vindo do fundo de minha consciência, já nas últimas fileiras, *E onde se situam as estruturas inconscientes?* Instantaneamente, todas as atenções se voltaram para aquele estranho indivíduo que não havia despertado a curiosidade de ninguém até o momento. Assim, já em pé, e apoiando-se firmemente na poltrona que estava à sua frente, continuou:

- Eu não sei se meus caros companheiros estão a par de um conjunto de artigos de minha autoria, organizados em um livro intitulado, *Antropologia Estrutural*. Pois bem, lá eu defendo que o objetivo da Antropologia, enquanto ciência, deve ser a análise das estruturas inconscientes do pensamento humano, que são, diferentemente de suas “consciências coletivas”, *Docteur Durkheim*, universais!

- Quem é esse homem? *Comment osez-vous?* Exclamou Durkheim, inconformado.

- Não terminei! Meus caros, o que essas estruturas permitem é nada mais do que a comunicação – Lévi-Strauss falou a última palavra pausadamente, dando-lhe ênfase – O parentesco, as relações econômicas, a linguagem são formas exemplares de comunicação estruturadas à base de *molduras universais e inconscientes* que, utilizadas na prática, permitem redes de comunicações entre os indivíduos. Em poucas palavras, as ações no mundo são reverberações de tal estrutura. O próprio Saussure já nos ensinou no seu *Cours*, publicado em 1916, que enquanto a fala é um ato individual de vontade e inteligência, a língua é um produto social. Ora, a língua é um sistema, portanto, compõe-se por unidades concretas de significação que tem seus valores dados não positivamente, ou seja, por aquilo que significam, mas negativamente, isto é, pelas relações que estabelecem com outros termos do sistema. A fala é uma reverberação desse sistema na prática; uma exteriorização do sistema. O mesmo acontece com os demais aspectos e formas de comunicação humana. São essas redes de comunicação, mais exatamente, as estruturas dessas redes que devem ser o foco da Antropologia.

De repente, surgiu em meio à multidão, não sei bem ao certo de que ponto em específico, uma ovelha. Ela correu em tal velocidade até o palanque que, em um piscar de olhos, deu um empurrão no velho Durkheim, o arremessando para longe. Não demorou para que ela começasse a falar em tom alto e claro:

- Afinal, existimos ou não? Essa questão, à primeira vista, soa um tanto tola, no entanto, enseja discussões bastante profícuas e duradouras. Desconfio que, por vezes, os antropólogos enxergam através de óculos estruturalizantes que, ao desfocar a existência de uma infinidade de criaturas, as tornam inexistentes ou invisíveis, borradas e desinteressantes. Quem diz, por exemplo, que as ciências humanas devem voltar seus esforços ao estudo das estruturas do pensamento humano poderia permitir que eu, “pobre ovelha não-humana”, existisse? E aqueles que assumem que o ser humano é o produtor por excelência de cultura poderiam abrir espaço, em seus trabalhos, para minha existência, de forma que ela seja muito mais que um mero elemento

ou produção dessa tal cultura humana? Há poucos dias, na fazenda onde vivo, recebi a visita de Donna Haraway. Após dar-lhe as boas vindas, a convidei para uma caminhada nas proximidades de meu curral. No entanto, como ela rapidamente cansou-se de caminhar, resolvemos nos sentar à sombra de uma macieira. Assim, começamos a conversar sobre um de seus livros, *When Species meet*, enquanto bebíamos um pouco do meu leite. De repente, uma cobra mordeu a mão de minha colega com tal força que seu sangue escorreu por alguns minutos, através de dois buracinhos formados pelos dentes da cobra. Felizmente, eu carregava um soro comigo. Mal eu comecei a ministrá-lo à Donna Haraway, e a tal cobra foi morta por uma águia, que em um frustrado voo rasante, a capturou e a soltou no ar, a deixando cair sobre algumas pedras. Logo depois, como o leite não havia saciado nossa fome, minha amiga arremessou uma pedra contra a águia, a matando. Então, a comemos. Enquanto a comíamos, meu leite fazia digestão em nossas barrigas e o soro ainda permanecia entranhado nas veias de minha amiga, junto com o veneno da cobra. Além disso, começamos a refletir sobre o quão humana ela poderia ser. Mas eis que uma coisa estranha começou a acontecer: de repente, minha amiga não tinha mais braços, mas asas e minha lâ começou a cair. Enquanto isso, a pele dela ficou completamente coberta por escamas, como a pele de uma cobra e, em algumas partes, por espessos tufo de lã. Minhas patas, por sua vez, desapareceram, surgindo em seus lugares braços e pernas. *O que nos tornamos?* Perguntou-me Donna Haraway, e eu lhe respondi: *nos tornamos criaturas!* Sim, meus caros, nos tornamos criaturas, sendo assim, já não conseguíamos entender nossa existência como mais ou menos humana. Criados por outras criaturas, nossos corpos pareciam mais o resultado de criações de outros corpos, de **corpos em encontros**, do que de um órgão humano situado dentro de nossa cabeça. Não mais nos percebíamos capazes de existirmos como reguladores de existências, pois não mais enxergávamos a possibilidade de sermos os autores de nossa própria existência. Finalmente, eu, ovelha, como criatura, percebi que fazia parte de outras criaturas, uma vez que, pelo simples fato de eu ter me tornado criatura, poderia criar criaturas...

- Ouçam a ovelha! Ouçam a ovelha! Deem atenção a essa forma não-humana de discernimento! – Exclamou, de repente, Tim Ingold, de forma um tanto exaltada e quase pulando sobre o assento que estava a sua frente – Como eu disse em um artigo intitulado, *Humanidade e Animalidade*, tem existência quem participa da *condição humana do ser*, sendo assim, precisamos resignificar o conceito “humanidade”, tirando dele o sentido de somatória de seres humanos, pondo no lugar a ideia de condição humana do ser. Ser homem deveria ser nada mais

que um estado alternativo do ser, e não a centralidade de um ser. Em que medida as ciências humanas consideram que humanos e não-humanos participam da condição humana do ser? Será que continuaremos dando voz apenas àqueles que podem ser agrupados no conjunto nomeado, *seres humanos*? Esse pobre animal que discursa não é capaz de ter papel ativo em nossos estudos?

- Senhor, senhor... Por favor, não vos exalteis, se não vos fordes um incômodo, por favor, permita-me que eu continue o discurso – falou serenamente a ovelha – além do mais, eu não quero vossa condição humana de ser, nem sou uma mera “forma não-humana de discernimento” .

- Não, não, perdão se vos interrompi, tenha a palavra, por favor...

- Muito bem, onde estávamos? Ah, sim... Falávamos de criaturas. Pois bem, para concluir, é preciso que se abra espaço, em nossos trabalhos antropológicos, a uma população de criaturas que, muitas vezes, neles não encontram maneiras de se abrigar. Os conceitos desses trabalhos, ou melhor, suas habitações conceituais não foram feitas para abrigá-las. Ademais, elas não precisam que lhe deem abrigos já previamente arquitetados. Deem-lhe espaço, e elas construirão suas próprias *paisagens*. Bem, sou uma ovelha nascida na Cumbria, e se quiserem saber mais sobre mim, leiam o artigo de Annemarie Mol e John Law (2008). Nesse artigo, os autores poderiam ter me considerado como um simples ser que, não sendo dotado de humanidade, ou não tendo atingido a idade ou o estágio da “razão”, deveria permanecer inexistente ou existente somente como resultado de trabalhos e experiências humanas. Felizmente, eles perceberam a importância de dar atenção às paisagens nas quais existo como criatura-criativa. E cada uma de minhas existências não é apenas minha (não depende somente de mim), mas faz parte de existências que me transcendem, ao mesmo tempo que me resultam. Sou resultante e resultado de *existências-criativas-em-relação* que, por sua vez, pincelam paisagens. E o mais importante nisso é que eu, Ovelha da Cumbria, tenho também meu próprio pincel...

- Nathan! Você já ‘tá acordado? Disse minha avó junto à porta do meu quarto.

Eram sete e meia da manhã do dia vinte e sete de junho deste ano quando minha avó me perguntou se eu estava acordado. Como eu respondi que estava (na verdade, tinha sido acordado naquele momento) ela me disse que a tia Maria estava me chamando para ajudar o Evandro a matar um bode. Então, rapidamente, eu me levantei e fui até o quintal de minha tia.

Você provavelmente deve estar confuso, principalmente porque citei minha avó, minha tia e o Evandro sem os ter apresentado previamente. Esse problema será resolvido na introdução que

se segue a essa parte do presente texto. A experiência acima descrita está para além da questão de sua “realidade”. A questão que importa é a diferença que ela faz para este trabalho. Lançando mão de *paisagens*, tentaremos nos inspirar pelo que disse a ovelha. Isso implica algumas observações estético-epistemológicas sobre essa ideia de paisagens. Primeiramente, não existem pontos iniciais e finais em uma paisagem. Além disso, não há possibilidade de determinarmos que seres deverão existir e de que forma existirão, pois a paisagem, como a ovelha já nos disse, é desenhada por existências-criativas-em-relação, sendo assim, nenhuma existência em si (muito menos a do antropólogo que dela pode participar), pode ser elemento determinante na estética de uma paisagem. Também não é elemento determinante as relações que se desenrolam nela. Isso quer dizer que, não há relações significativas, mas *soluções criativas* como fontes de tom, calor e cores das paisagens.

Outro ponto importante, talvez mais epistemológico do que estético é que a partir do momento em que uma paisagem se esboça, não se tem controle sobre os contornos que tomará. E o trabalho do antropólogo é nada mais que representar essas paisagens em seus trabalhos, assim como um pintor representa, em suas pinturas, formas e cores de existências. A diferença é que o antropólogo, geralmente, tem em mãos somente palavras, o que torna muito mais difícil sua tarefa.

Finalmente, quando se fala em não-controle das paisagens, mas apenas sua transcrição ou representação, podemos empregar, para perceber a essência dessa técnica a ideia de não-ação cultivada pelos *mestres taoistas*. Esses mestres, segundo Blofeld (1995), têm, como elemento central de sua filosofia, o *Wú wéi* (pinyin), ou seja, a *não-ação*. De acordo com esse princípio, a ação mais sensata se basearia no *wú wéi*, ou seja, em evitar o controle sobre o mundo por meio de uma postura positiva, fazendo com que ele seja nada mais que reflexo passivo das nossas ações ou categorias. Essa ação modificadora seria muito diversa de uma existência propriamente participativa. Enquanto a primeira é uma tentativa sempre frustrada de atentar contra o fluxo dos acontecimentos, a segunda deixa-se levar nele, junto com ele. Uma existência participativa em uma paisagem implica um envolvimento que vai muito além de tentativas frustradas de controle e de meras observações; implica a quebra das barreiras que dividem o observar e o participar. Não havendo limites à nossa participação, não há porque existirmos como mero espectadores. Em *Assembling the Baroque*, John Law propõe algo semelhante ao falar da ideia de *boundlessness*, como uma das inspirações que os trabalhos antropológicos poderiam tirar da pintura barroca. Ao

descrever uma pintura na qual é representada a cena do encontro entre Santa Teresa D'ávila e um anjo, John Law aponta para algumas características marcantes da estética barroca, entre elas, aquela que prevê representações de cenários teatrais onde não haveriam barreiras entre a peça e os espectadores. Estes, não seriam simples espectadores, pois se encontrariam envolvidos no drama teatral. Ao adotarmos a representação, em nossos escritos, de paisagens como postura estético-epistemológica, estaremos, portanto, nos predispondo ao envolvimento nelas de tal forma que não deformaremos, nem atentaremos contra existências. Essa predisposição, para o presente trabalho, significou, assim, não o simples “deixar de agir”, mas uma *política de ação* com relação às diversas criaturas que, fizeram parte das paisagens nas quais tive existência no Góes.

\* \* \*

Nos primeiros esboços da presente monografia, comentei que ela não pretendia situar-se em nenhuma área específica da antropologia. No entanto, após conversas que tive com colegas do grupo GESTA, que é coordenado pela professora Antonádia Borges, resolvi pensar melhor sobre aquele comentário. Lendo um trabalho de Phillippe Descola intitulado, *La Nature Domestique*, pensei que poderia ter encontrado um campo ou área da antropologia na qual essa monografia se encaixaria. Seria esse campo a *Antropologia da Ecologia*, ou seja, segundo Descola, o campo de estudo das relações entre uma comunidade de organismos vivos e seu meio ambiente (*environnement*). Essas relações não deveriam ser vistas pelo antropólogo como simples respostas adaptativas de um ou outro polo da relação, em vez disso, o interessante seria enxergar a criatividade das formas que a cultura encontra para socializar a natureza. Em poucas palavras, a Antropologia da Ecologia que Descola propõe é um estudo das formas de socialização da natureza. O problema dessa proposta é que ela baseia-se nas seguintes concepções: 1. Separação entre cultura e natureza e 2. Relação ativa da cultura para com a natureza, no sentido de que a última seria socializada, ou seja, tragada pela cultura. Ora, nem mesmo Rousseau, o grande teórico do estado de natureza, acreditava nessa suposta coexistência entre cultura e natureza. Para Rousseau (1983), em suma, natureza e sociedade não coexistem pois uma vez instaurada a *sociedade civil*, nada mais seria natural para os homens. A partir do momento em que o homem toma consciência de sua própria existência, quebra-se qualquer vínculo entre ele e a suposta natureza. Diante disso, o presente trabalho, não é um estudo das relações entre uma comunidade ou cultura e seu meio ambiente, ou *Antropologia da Ecologia*, mas o estudo ou exposição de um meio ambiente, isto é, de um *conjunto de paisagens*. Sendo assim, a presente monografia poderia

ser uma espécie de *Antropologia das paisagens*, não se preocupando, portanto, em traçar limites entre natureza e cultura, ou com a relação entre seres humanos em sociedade e a suposta natureza que os circunda, mas em representar, em paisagens, relações que criaturas-criativas travam entre si, enquanto compartilham e negociam suas existências em um meio ambiente comum.



## INTRODUÇÃO.

Meus primeiros dias no Góes tiveram início na última semana de março, assim como minhas primeiras anotações de campo. Esses dias se somaram até a última semana de julho. Todavia, quando sentia que o fastio e a saudade dos amigos conseguiam, de forma efetiva, me impossibilitar de prosseguir de maneira saudável minhas atividades de campo, eu colocava a mochila nas costas e partia, em um final de semana qualquer, rumo à Nova Russas, onde permanecia dois dias, no máximo. Era uma viagem curta, mas bastante revigorante. Outras vezes, viajava a Crateús, pelo ao menos uma vez por mês, e lá ficava uma semana. Nesse tempo, aproveitava para fazer uma organização geral nos dados de campo, fazer leituras e matar a saudade de minhas irmãs.

Antes de pôr meus pés no Góes, imaginava eu que seria preciso manter os limites geográficos de minha pesquisa numa área a mais extensa possível, com isso, eu poderia munir-me de dados estatísticos e de conhecimentos demográficos que, finalmente, me possibilitariam abarcar com maior eficácia certa “realidade” da qual eu deveria fazer “análises”. É claro que eu poderia ter feito isso. No entanto, cada vez mais, as observações que me chamavam mais atenção ficavam circunscritas à casa de meus avós maternos, onde fiquei durante os quatro meses de campo. E com isso, deixei de lado objetivos cartográficos de desenhar mapas e me concentrei no trabalho de representação de paisagens. Não que a cartografia antropológica seja inútil. É preciso, inclusive, refletir sobre seu modo de fazer. A questão é que, apenas durante minha estadia em campo, percebi que lido melhor com paisagens.

Me encontrando na situação de fazer um trabalho de campo na casa de meus avós, sobre o dia-a-dia da relação entre eles e diversos bichos, plantas, legumes, entre outras criaturas<sup>1</sup>, um grande problema se apresentou: ficou bem difícil saber em que momentos eu estava, realmente, em campo, ou na casa de meus avós. *O que estou conversando ou fazendo, no momento, envolve, realmente, o trabalho de campo ou são assuntos que alguém conversaria em uma situação de conversa casual entre um neto e sua avó ou avô? Como separar o tempo de descanso e o tempo de trabalho de campo? Em que momento escrever as anotações diárias?* Essas questões

---

<sup>1</sup> Inicialmente, minha ideia era fazer uma pesquisa sobre a Fofoca no Góes, no entanto, deixei essa ideia de lado conforme os dias se seguiram.

permaneceram até o último dia em que estive no Góes, principalmente a primeira. E a única coisa que eu pude fazer diante delas foi tentar agir com naturalidade em meio às ocasiões nas quais me via envolvido no dia-a-dia.

Essas ocasiões ou paisagens, por mais que eu tentasse, transcorriam alheias à minha vontade ou intenção. E isso acontecia mesmo quando eu gravava alguma conversa com o gravador de meu celular. Essas gravações eu fiz nas ocasiões em que conversava com meu avô ou avó no alpendre e as chamo de “conversas” e não de entrevistas porque em nenhum momento preparei questionário algum ou pensei em qualquer conjunto de perguntas a serem feitas. Infelizmente, com o passar do tempo e com o maior clareamento do corpo que a presente monografia tomaria, essas gravações se tornaram muito improdutivas. Outra função que o gravador teve foi a de gravar meu avô tocando alguns de seus instrumentos de corda. E isso ficou acertado desde a primeira vez que gravei uma conversa que tive com ele.

- E quer dizer que esse celular grava a gente falando também? Perguntou-me meu avô.
- É... ele grava também...
- E será que grava o cabra tocando também?
- Grava... Dá pra gravar.
- Pois tá bom da gente tocar mais tarde e gravar, né?
- É... aí eu passo pro CD.

Apesar de eu ter demorado muito para cumprir com minha parte do acordo, consegui entregar o CD a meu avô, além disso, publiquei no YouTube um curto vídeo onde ele toca algumas músicas. Segue o link: <https://www.youtube.com/watch?v=QN6rUqcEGRY>

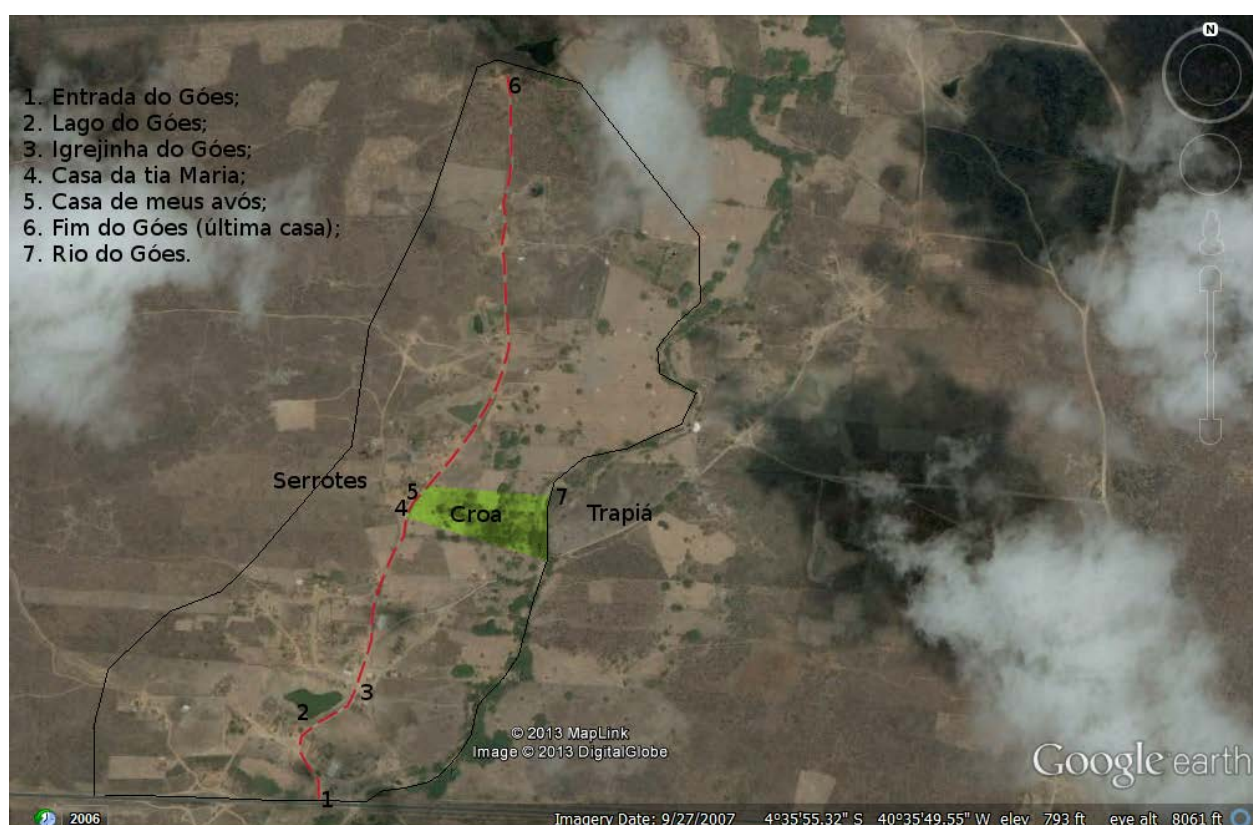
No mais das vezes, eu sempre estava anotando coisas em meu notebook, que ficava ligado durante todo o dia no meu quarto. Sempre após cada atividade, eu anotava algo diretamente no notebook ou no bloco de notas do meu celular. Além disso, no final do dia, eu organizava todas as anotações que fizera e tentava acrescentar mais alguma coisa que passara despercebido por mim.

\* \* \*

Onde fica o Góes? Oficialmente, o Góes é um distrito de Ipueiras-CE, cidade localizada na microrregião de Ipu. No entanto, para mim... Bem, para mim e para os moradores do Góes, geralmente, o Góes fica no Ceará. Mas se eu ou eles estiverem em uma região que parte de qualquer lugar após a Igrejinha do Góes até o final do Góes (até a última casa do Góes), então o

Góes compreende um espaço que, partindo da Bodega do Dadau (ou da “pista”) termina na Igrejinha do Góes, sendo que, limita-se ainda, à direita de quem entra no Góes, pelo Rio do Góes, que nos separa do Trapiá - mas não exatamente - (ou do “Outro Lado” para meus avós e parentes) e acaba após a parada de ônibus e de carros de horário.

O seguinte mapa nos permitirá ter uma ideia mais precisa acerca da organização geográfica do Góes, que compreende, aproximadamente, a área delimitada pela linha negra. A linha tracejada em cor vermelha indica a estrada, via principal do Góes.



Fonte: Google Earth, 2007.

\* \* \*

Apresento-vos Dona Gonçalinha, minha avó materna.

Nascida no Góes, nem sempre viveu nesse lugar, mas nele fincou raízes. Risonha e alegre na maior parte do tempo, dotada de uma energia quase ilimitada, criou doze filhos e gerações de bichos. Dificilmente um visitante a encontrará em casa. Procure-a na croa! Talvez ela esteja lá. E no quintal... Não está? Volte mais tarde. Se, por um lado, minha avó reclama do cansaço que a peleja diária lhe confere, por outro, tem grande satisfação nisso tudo. Sente-se orgulhosa por seus

filhos, “todos bem-criados”, diria ela, mas não menos que por seus bichos, “todos sadios e de bucho cheio”.

Apresento-vos Seu Expedito, meu avô materno.

Contador de histórias, aventureiro, agricultor, músico, em suma, meu avô. Que incontáveis histórias incontáveis lhe surgem à lembrança enquanto toca seu banjo? E enquanto ele toca a vida, novas histórias se somam às velhas que a cada dia renascem nos ouvidos de quem as escuta. No Amazonas meu avô já morou, no Maranhão já estive, no Rio de Janeiro passou uma temporada, Brasília ele já visitou algumas vezes. Todavia, nenhum lugar foi seu lugar que não o Góes. Assim, meu avô nos ensina: alguns lugares nos inspiram, em outros vivemos.

Apresento-vos a Caduca.

A cabra mais velha de minha avó se chama *Caduca*. Seu andar é um tanto desengonçado, parecendo que pula mais para os lados do que anda para frente. Segundo minha avó, essa cabra já deu vários cabritos e teve poucos problemas quanto a isso. A Caduca é a única cabra que recebe milho diariamente, além de ser a única que pode comer com as galinhas, no início e no final da tarde. Ela também é a única que não precisa passar a noite no curral. Infelizmente, ela é um tanto braba.

Apresento-vos alguns familiares.

A tia Maria é, dentre minhas tias maternas, a que mora mais próxima aos meus avós (a alguns passos de distância). Além disso, é a que mais presta auxílio a eles.

Evandro é o marido da Tia Maria. Ele também ajuda meus avós em serviços que envolvem a croa e as vacas (que não passam de três, se não me engano).

Gleixa, minha prima, é a filha única da Tia Maria. Ela mora no Charito, localidade próxima ao Góes.

Apresento-vos o cachorro.

O cachorro de meus avós, último entre os seus (minha avó já me disse que não criaria mais cachorro depois desse), tem a pelagem marrom, quase amarela. É um cachorro mais magro do que musculoso. Uma de suas atividades prediletas é sujar minha roupa com suas patas, na tentativa de obter algum carinho.

Apresento-vos o bode mais manso.

Esse bode não aparecerá nas linhas seguintes. E é exatamente por isso que o cito aqui. O chamo de manso porque ela deixava que eu passasse a mão em sua cabeça, chifres e costas. Além disso, eu dava-lhe milho (sem que meus avós soubessem).

Apresento-vos o presente trabalho.

Nas páginas seguintes, nos depararemos com três capítulos (ou temas) onde estão expostas *paisagens* das quais participei durante minha estadia na casa de meus avós. Os três capítulos dividem as paisagens segundo o realce que seus planos de fundo tomam: 1. O Nascimento, 2. A manutenção da vida e 3. A morte. Sendo assim, essa organização não reflete molduras pré-fabricadas, nas quais colocou-se cada paisagem específica, mas planos de fundo que compuseram todas as paisagens das quais participei. Como veremos, sobre eles se constrói um processo sem fim: *na medida em que em que há relação, há vida. Na medida em que se vive, há morte. Na medida em que há morte, há doação de vida. E na medida em que a vida é doada, ela é possível.*

## CAPÍTULO (TEMA) 1 - O NASCIMENTO.

Em quantos dias nascerei?  
Eis o invencível dilema  
Dos que me doam a vida  
Enquanto morrem.  
Suor, sangue, osso e carne  
Estão sendo plantados.  
Que frutos serão colhidos  
Desses jardins de vida?  
Com que satisfação serão devorados?  
Quando o último pedaço de pele  
Nos for arrancado,  
Que ele germine, nos proliferando.  
E assim, nasceremos de novo,  
Lutaremos de novo...  
Morreremos...  
De novo...  
E de novo...

Hoje presenciei, já no início da noite, um parto complicado de um cabrito. Sua mãe, que era uma das cabras da tia Maria, segundo minha avó, já estava sofrendo havia três dias, não conseguindo parir o filhote. Diante disso, Paulinho, Evandro – sogro e marido de minha tia, respectivamente – e um vizinho resolveram fazer o parto do animal, no próprio quintal da tia Maria.

De início, puseram a cabra deitada de lado, no chão mesmo, mas como viram que o parto seria muito mais complicado do que imaginavam, resolveram a deitar sobre um tambor de ferro, que era usualmente utilizado para depósito de milho. Enquanto Evandro segurava as patas dianteiras e o chifre da cabra, o vizinho segurava as traseiras. Paulinho, por sua vez, tentava retirar o cabrito de dentro dela.

Depois de alguns minutos de aflição por parte da cabra – também por parte de minha tia, avó, Gleiza e dos que estavam fazendo o parto – finalmente conseguiram tirar o cabrito, já morto. Após isso, Paulinho e Evandro foram enterrá-lo.

O parto que presenciei no quintal da tia Maria apresentou-se como uma paisagem dotada de um pano de fundo pintado em cores de tensão e sofrimento. Evandro, em certo momento, não encontrava mais palavras para expressar sua aflição: *A pobre ve'a não tem mais nem forças nas patas, vai morrer, de certo... Valha, meu Deus, se ao menos ela se salvar...*” Paulinho, mesmo extenuado, não arredaria o pé dali enquanto não concluísse o parto, e o vizinho, que parecia mais tranquilo, só observava, tecendo comentários de consolo e tentando segurar as pernas da cabra. Gleiza, filha da tia Maria, muito cedo, tinha ido para a casa de minha avó, para não ouvir os berros de sofrimento dados pela cabra. E minha tia permaneceu em seu quarto, rezando para que tudo ocorresse bem. Finalmente, em um primeiro momento, eu só continuei ao redor da cabra porque imaginei que aquilo tudo seria importante para o presente trabalho. No entanto, não tardou para que eu tivesse que participar da paisagem, de maneira que Paulinho pediu-me para que eu tirasse seu relógio de seu braço. Depois, tive que permanecer no local para iluminá-lo com uma lanterna.

O grande problema que girou em torno desse parto, poderíamos afirmar, deveu-se à posição errada em que o cabrito se encontrava no útero de sua mãe. Em vez de sua cabeça sair primeiro, eram suas patas dianteiras que estavam sendo puxadas por Paulinho. No entanto, a construção do parto do cabrito não se deu apenas no momento crucial em que o tambor, sobre o qual a cabra estava, ficou quase que completamente lavado de sangue. Essa construção se dava cotidianamente à custa de sacrifício, suor, dor, envelhecimento, enfim, à custa da própria vida. Além disso, quando se fala em nascimento, geralmente, estamos mais acostumados com paisagens que abrigam e são construídas por equipes médicas, hospitais, visitas ao posto de saúde, ambulâncias, apoio familiar etc. Já no Góes, ou melhor, nas paisagens nas quais participei, eram os currais, quintais, tambores, meus avós, entre outros, as existências que davam o calor de sua dinâmica.

Geralmente, quando o parto era fácil, as cabras davam cria no próprio curral ou no mato, sem grandes alardes e sem presença humana. Por outro lado, quando o parto era difícil, era necessária a ajuda de alguém, principalmente de algum homem, para puxar o cabrito. Além disso, eram indispensáveis cuidados especiais pós-parto, como medicação e vigilância constante sobre o

estado de saúde da cabra e do cabrito recém-nascido. Pode-se dizer que os partos das cabras no curral teriam algo de semelhante ao parto feito em casa (ou parto fácil), como apresentado na etnografia de Soraya Fleischer (2011) sobre o atendimento obstétrico em Melgaço-PA, já que, por causa de eventos diversos, os partos das cabras no curral se desenhavam de forma rápida e sem complicações.

Até que chegasse o momento decisivo, no qual decidir-se-ia se a cabra seria levada até o quintal ou deixada no curral, para que lá surgisse uma nova vida, foi preciso que um processo tivesse existência; um processo desenhado por criaturas-criativas-em-relação. Poderíamos dizer, por conseguinte, que o nascimento em si (não só de cabritos, mas também de outros seres) mostrou-se, nas paisagens nas quais tive alguma participação enquanto estive no Góes, um acontecimento em acontecimento, ou seja, um momento, que se iniciara muito antes das primeiras dores sentidas por uma mãe nas horas anteriores à chegada de um novo ser vivente, na casa, no curral, ou no quintal de meus avós. A viagem, através da qual esse novo ser pôde, finalmente, tomar para si o destino de viver para morrer, foi muito mais longa do que poderíamos suspeitar.

## **1. 1. O NASCIMENTO COMO UM PROCESSO TRABALHOSO.**

Minha avó nunca se considerou uma grande parteira, ainda mais quando ela se comparava com sua falecida mãe. De qualquer forma, ela fez alguns partos, “pegou alguns meninos”, durante sua vida. *Tudo o que eu sei foi minha mãe que me ensinou*, dizia ela, quando falava de alguns partos que fizera, a maioria de forma imprevista, sem ter feito qualquer acompanhamento pré-natal das gestantes.

Certo dia, enquanto eu a ajudava a debulhar algumas bajens secas de feijão, no alpendre de sua casa, eu lhe perguntei sobre o estado de saúde de uma de suas cabras, que estava doente. Conversa vai, conversa vem, e minha avó acabou falando sobre o “segundo parto”. Quando ouvi essa expressão, pensei que se tratava do parto de um segundo filhote:

- Quando a vaca pare e não dá o segundo parto, tem que ter um anti-inflamatório, disse minha avó, que permanecia sentada em sua cadeira de balanço, tendo sobre as pernas uma bacia cheia de bajens de feijão.

- Quando bota o segundo parto? Perguntei.



- Sim... a vaca dá o bezerro, né, aí tem o segundo...

- O segundo bezerro?

- Não, o parto do umbigo. A criança não tem um umbigo, todos nós não temos um umbigo, aí o segundo tá pregado no umbigo. Assim, da gente. Quando a criança nasce, aí tem o segundo, aí a gente corta... O segundo parto é o mais perigoso. Se ficar dentro, dá infecção na vaca, na cabra ou na gente. Morre rapidinho. A mulher não espera nem... Se ficar este segundo. Então, quando nasce a criança, com uns dez minutos, quinze minutos, vinte ou meia hora, vem aquele segundo parto, que é assim, uma bola assim, aí é pregado assim no umbigo, assim, uma... A via! Se chama via. É igual uma tripa. Aí, a gente, as parteiras de primeira (de antigamente), mede com três dedos, aqui do buchinho do menino. Aí, você corta e amarra. A gente bota é assim, uns pregadores de roupa. De primeira, a gente amarrava com um cordão, antigamente, em casa, quando os partos eram em casa. Os meus foram todos minha mãe quem pegou esses meninos. Aí, aquele segundo parto, botava lá num vaso e ia enterrar.

- E então enterra?

- Enterra! Agora eles botam lá nos hospitais, né, eles colocam lá.

- Mas porque tem que enterrar?

- Porque é um bicho fedido, apodrece. É uma coisa que não pode ficar assim...

- Faz mal à criança?

- Não, não faz mal não, mas não pode ficar aquilo ali, né, tem que ser enterrado. A gente não enterra uma pessoa que morre? Pois é, porque é igual um pedaço da gente que ninguém vai deixar assim pr'os urubus. É enterrado.

- Um pedaço da criança?

- Unhum! Um pedaço da criança, gerado com a gente. É o umbigo do menino, é a vida do menino, só que a gente corta aquele pedaço e aí, aquele outro, já enterra.

Já após ter regressado do Góes, conversei com minha mãe sobre a prática de minha avó de enterrar o umbigo das crianças recém-nascidas. Para minha surpresa, com essa conversa, fiquei sabendo que minha avó tinha enterrado meu umbigo no curral das vacas. Segundo minha mãe, ela tinha feito isso para que eu me tornasse fazendeiro, o que significaria, pelo que entendi, uma vida próspera.

Geralmente, após uma manhã que tivera início por volta de cinco e meia ou seis horas da manhã, meu avô voltava da croa, tomava banho e se sentava junto à mesa da cozinha, esperando

o almoço ficar pronto ou ser servido. Minha avó era quem o preparava. Algumas vezes, quando o almoço atrasava, meu avô procurava alguma rapadura para comer. Certa vez, após muita espera por parte dele, minha avó finalmente chegou à cozinha. Foi nessa ocasião que conversei com ela sobre os preparativos para a “Fogueira”, que seria feita naquele mesmo dia, à noite:

- A tia Maria vai fazer a fogueira hoje? Perguntei à minha avó.
- Sim, porque é o dia de Santo Antônio.
- E não pode fazer no dia dos outros santos?
- Não porque ela (a Gleixa) nasceu no dia de hoje.
- Ah tá...
- Se nascer a criança enlaçada, aí tem que botar de Antônio (o nome da criança). E hoje é o dia do Antônio, dia de Santo Antônio.
- Como assim, enlaçado?
- Sim, se estiver o cordão (umbilical) enlaçado na cabeça.
- Na cabeça?
- Sim, no pescoço.
- Ah... E a Gleixa nasceu com o cordão enlaçado?
- Nasceu.
- E porque tem que colocar o nome de Antônio ou Antônia?
- Porque é arriscado, né, aquele povo antigo falava que é arriscado a criança morrer mais rápido, morrer afogada.

Tanto meu umbigo enterrado no curral, ou a construção do nome de minha prima, provavelmente, existiram e ainda existem de alguma forma, para que certas criaturas pudessem não só passar a existir, mas continuar existindo. Dinâmica análoga acontecia no caso do processo de nascimento de um cabrito, por exemplo. Para tanto, negociações precisavam ser feitas não apenas com Deus, mas também com a própria mãe do cabrito.

Quase todo final de tarde, eu ajudava minha avó a colocar suas cabras no curral. Muito levadas, elas “davam muito trabalho” – ou possibilidade de doarmos nossa vida no cuidado com elas – para passarem pela estreita porteira e se acomodarem até o dia seguinte, dentro daquele espaço que poderíamos considerar grande e bem feito, para os padrões estéticos de um curral de cabras no Góes. Suas paredes eram feitas de lenhas retorcidas, e em seu centro havia uma pequena casinha sem paredes, que servia de abrigo contra o sol e a chuva. Certa vez, quando,

após muita correria, eu estava quase desistindo de fazer a última cabra entrar no bendito curral, minha avó se aproximou de mim e disse-me para deixar a tal cabra solta, ou seja, fora do curral, caso contrário, as outras iriam “matar ela”. Essa cabra era a Caduca, a mais velha de todas, também muito experiente em dar crias. Em seguida, minha avó contou-me sobre as crias dessa cabra. Para tanto, chamou-me até o curral para me indicar a descendência dela.

Apontando com o dedo, minha avó me mostrou quais eram os descendentes diretos dessa cabra e quais eram seus netos. Ela contou-me que a velha cabra já tinha perdido algumas crias e isso, porque “ela não tinha comido o milho”. Então, perguntei:

- Quer dizer que se a cabra não comer o milho, os cabritos morrem?

- É meu filho, se ela desejar o milho e a gente não der, elas perdem a cria, e teu avô faz uma pena danada desses milhos... T’ái o tanto de cabra que já nasceu dela! A gente tem é que dar milho pras bichinhas...

Quando uma cabra estava prenha, minha avó tomava o maior cuidado para que ela não visse o milho que ficava armazenado em sacos, na cozinha de sua casa. Ora, o milho tinha que ser comprado e minha avó o considerava alimento de luxo para os animais, ao menos durante o inverno, quando eles deveriam se alimentar com matos e galhos de pau. No entanto, a partir do momento que uma cabra prenha visse o milho, ela deveria comê-lo, ao menos uma vez por dia. Agora entendo porque minha avó brigava tanto comigo, quando eu era criança, por jogar milho no terreiro para que cabras e galinhas fizessem a festa.

Normalmente, os bichos deveriam ficar fora de casa. O lugar deles era no quintal e no terreiro<sup>2</sup>. No entanto, isso não impedia que, uma vez ou outra, um bode, cabra ou bacorinho invadissem a casa, muito provavelmente à procura de milho. Além disso, era comum encontrar uma galinha chocando no sofá. Mais comum ainda, era a presença de uma galinha chocando vários ovos ao lado da porta do banheiro. Certo dia, quando eu estava sentado no alpendre com minha avó, observando a estrada que divide sua casa da croa<sup>3</sup>, perguntei a ela sobre a galinha que chocava perto do banheiro:

- E aquela galinha ali perto do banheiro? Porque ela tá ali, tanto tempo sem sair?

- Ela tá chocando os ovos dela.

- E ela fica ali por muito tempo?

---

<sup>2</sup> O terreiro compreende um espaço amplo que rodeia a casa, incluindo o quintal.

<sup>3</sup> Sobre a croa falaremos nas páginas seguintes.

- Fica uns 22 dias.

- E ela não sai nunca dali?

- Sai pra comer. Tem delas que comem os próprios ovos que chocam. Teve uma que foi preciso eu raspar o bico até sair sangue, porque ela bicava os ovos e bebia.

- E porque ela fazia isso?

- É porque até os bichos brutos, tem deles que são ruins, maldosos... *igual às pessoas*.

Os “bichos brutos”, com os quais vi meus avós lidando diariamente, durante os meses em que fiz trabalho de campo, quase nunca se submetiam às vontades deles (muito menos à minha). Quantas vezes eu ouvi meu avô reclamar que as cabras “sempre foram danadas e desobedientes”? Elas estavam a todo momento prestes a derrubar as cercas, invadir a casa, subir no peitoril ou na cisterna, que ficava ao lado da casa de meus avós, comer as plantinhas que a tia Maria cuidava em seu alpendre, bagunçar o terreiro, comer as plantas de minha avó, subir em cima do muro... E os bacorinhos? Eles podiam entrar no alpendre, invadir o quintal, sujar o terreiro... Sem falar nessas galinhas que poderiam comer os próprios ovos que chocavam. *Eh, meu filho, a peleja aqui é grande!* Essa é uma frase tradicional de minha avó. Lembro-me claramente de quão triste ficou ela, quando se esqueceu de não deixar uma de suas cabras, que estava prenha, ir para as capoeiras<sup>4</sup>. *P’ra quê eu fui deixar aquela pobre ir pra’s capoeiras, meu Deus? Agora ela não voltou mais, deve ter dado cria por lá e ter ficado por lá mesmo... Eu já dei umas voltas por ali pra ver se achava ela, mas é besteira, deve tá longe. Coitada... se ela ao menos voltar já vai ser muita coisa...*

Muitas vezes, os animais, como minha avó dizia, eram “ruins como as pessoas”. No caso da galinha que chocava ao lado do banheiro, a norma estabelecia vinte e dois dias para que seus ovos fossem chocados, mas certas galinhas preferiam, entre outras coisas, beber os ovos. Outras, simplesmente os abandonavam. E o que dizer das cabras que perdiam suas crias, caso não recebessem o milho que desejavam? Por mais que minha avó pelejasse, suas galinhas teimavam em não agir segundo a norma dos vinte e dois dias. Por mais que o milho fosse um alimento escasso, em contraste com a quantidade imensa de mato próprio ao consumo das cabras, elas teimavam em exigir milho. As galinhas, entre outros bichos, preferiam *agir com as normas* e não em acordo com elas.

---

<sup>4</sup> As capoeiras são ex-roçados, portanto permanecem, por um certo período, como um local impróprio ao plantio de legumes.

É verdade que certos cabritos nasceram, que certos pintinhos saíram dos ovos, que minha prima nasceu; que eu estou aqui, se não rumo à vida de vaqueiro, ao menos escrevendo um pouco sobre o lugar onde eu poderia ser vaqueiro. Não obstante, disso não há porque sustentar que todos esses eventos tiveram e estão tendo existência em acordo com alguma estrutura ou norma coletiva. Esses eventos não me pareceram ter nada a ver com um conjunto de crenças ou sentimentos, com uma ou outra consciência coletiva como pretendia Durkheim. Eles sempre me pareceram ter a ver com *negociações-entre*, com *agir-em-meio-a* e não a partir de algo.

Tais negociações e ações-em-meio-a também foram sentidas por Nigel Rapport (2005), em uma pesquisa realizada entre os moradores de Wanet, vila localizada numa zona rural do Noroeste da Inglaterra. Em tal vila, Rapport viu-se em meio a um conflito entre os fazendeiros locais e as pessoas que por ali passavam algumas temporadas. Tais pessoas eram consideradas *outsiders* pelos fazendeiros. Esse conflito se dava em torno da disputa por maior espaço para uma “*vida camponesa digna*”. Diante disso, o interessante da observação de Rapport foi que ele percebeu que as reações por parte dos fazendeiros com relação aos *outsiders* eram diversas. Com efeito, não haveria, em tal contexto, segundo Nigel Rapport, uma consciência coletiva que guiasse as reações dos fazendeiros, como Durkheim poderia afirmar. O que existia era uma variedade de construções discursivas individuais que denunciavam a perda de espaço em Wanet.

Mas voltando ao Góes, em uma das noites abafadas em que por lá passei, meu avô estava debulhando um saco de feijão no alpendre, que estava iluminado pelas luzes que vinham da sala e do poste. Essa iluminação era muito deficiente, sendo suficiente apenas para revelar os contornos das formas presentes no alpendre, já que a luz da sala era fraca e o poste se encontrava quase no meio da estrada que separa a casa de meus avós de sua croa. Havia, no entanto, uma lâmpada no alpendre, que seria ligada somente por algum visitante de primeira viagem, provavelmente por não ter ideia da inúmera quantidade de mosquitos que surgiriam de forma quase instantânea a tal ato.

Embora naquela noite (como em outras) eu tenha me candidatado a ajudar meu avô a debulhar o feijão, nunca gostei de passar o tempo concentrado em tal atividade, pois sempre me pareceu um tanto tediosa. Mas tudo tem seu lado positivo: não havia tão boa ocasião para o nascimento de longas conversas. E conforme a conversa se alongava em meio a escuridão, pendurada próxima a um espaço situado entre o telhado do alpendre e a parede que o sustentava,

uma sacola sacudia a cada instante. Isso afastaria os morcegos que poderiam entrar em casa, trazendo consigo doenças transmitidas por suas fezes.

Tendo acabado de debulhar quase todo o saco de feijão, meu avô deu início aos preparativos rotineiros que precediam sua noite de sono. Enquanto isso, minha avó pediu meu auxílio. Ela queria que eu a acompanhasse com a lanterna até o pequeno armazém, que fica logo no começo da croa. Em um pequeno quarto, situado nos fundos desse armazém, minha avó deixaria uma galinha que estava chocando alguns ovos ao lado da porta do banheiro. Esses ovos tinham sido abandonados por outra galinha. No pequeno quarto estavam os pintos da galinha que minha avó carregava nos braços. Quando ela abriu a porta do quarto, logo avistei os pintinhos. No chão, havia uma porção de xerém que já tinha sido espalhada pelos próprios pintos. Então, minha avó deixou a galinha perto deles.

- Olha a bichinha, já tá chamando os pintinhos! Exclamou minha avó.

- Ah, é?

- É... Essa é uma galinha boa! Além de ter chocado os ovos dela, ainda ‘tá chocando os ovos da outra. Agora, deixa ela aí com os pintinhos dela.

Se uma galinha boa choca seus ovos, uma que choca os ovos de outra galinha é uma santa.

Se já falamos que o nascimento poderia ser designado como um processo, podemos dizer, nesse momento, que esse processo, enquanto estive no Góes, construía-se de forma trabalhosa, no sentido de que só ocorria à custa da vida, isto é, da necessidade de *peleja*, como diriam meus avós. Era uma peleja que começava pouco após o galo anunciar o dia e só conhecia pausa - quando não havia galinhas a serem devolvidas às suas crias, entre outras atividades - após a última galinha subir no poleiro, “dando sossego à gente”, como minha avó costumava dizer. *Até que enfim, meu filho, todos os bichos estão em seus lugares, agora deixa eu cuidar da comida do teu avô...*

Mas até os bichos ficarem todos em seus lugares, para depois saírem; até os bichos nascerem, para terem a oportunidade de compartilharem suas vidas, o trabalho era duro e envolvia a peleja não só de meus avós, mas das cabras, bacorinhos, porcas, galinhas, vacas, legumes, chuva, cercas, cancelas, cachorro, Santo Antônio, Deus, pintos, cabritos entre outros. Todavia, que todos pelejavam de alguma forma para que houvesse nascimento e continuidade, não se pode concluir que esse processo era harmônico. E se as cabras resolvessem ir para a pista, em vez de ficarem na capoeira, comendo quantidades quase infinitas e de fácil acesso de mato?

*Ôh! Bicho pra atentar! Essa pista parece que tem um imã pra chamar os bichos*, disse certa vez meu avô, sobre a não rara visita das cabras e das vacas à pista, mesmo isso podendo significar a morte delas.

A peleja do nascimento, da vida e da morte apresentou-se, no dia-a-dia de convívio entre meus avós e uma diversidade de seres, em forma de negociações, que eram de vida e de morte. E enquanto as negociações se desenrolavam, soluções criativas eram desenhadas em sacos de milho, em remédios do mato e da farmácia, em técnicas de plantio, em uso eficiente da energia vital que davam o contorno às diversas atividades, às diversas pelejas de meus avós, mas não só deles. *Tudo (todos os bichos) dão trabalho!* – contou-me certa vez minha avó, logo depois de despejar a comida dos bacorinhos em um cocho, que ficava sempre no terreiro de sua casa – *Esses bacorinhos são outros que dão muito trabalho. Eu não vou mais criar, eu não aguento mais. É um repuxo muito grande. Eles só querem viver comendo e eu não tenho milho para dar direito pra esses bichos. Tu não vê não? Quando a gente vai dar comida a eles, eles faltam é matar a gente.* O repuxo, como disse minha avó, é muito grande, e cada repuxo exige energia (ou vida) a ser repuxada.

Phillipe Descola ([1993] 2006), em sua etnografia sobre os *Achuar*, mais exatamente no capítulo seis, ressalta a relação de troca entre esse povo e suas roças. Seria essa relação um canal de vida que possibilitaria a própria existência nesse contexto. Uma mandioca plantada, por exemplo, seria revertida em alimentação aos *Achuar*, em troca da continuidade da descendência da mandioca comida. Nas paisagens das quais participei durante minha estadia na casa de meus avós, que coisas circulavam nas relações que ali se construíram? Muita coisa, de certo, que tinha em comum traços de vida e de morte. Até que um cabrito finalmente nascesse, quanto de milho, de remédios, de legumes, de carne, de mato circulou nesse processo?

Cada cabrito, poderíamos afirmar, como qualquer outra criatura era um importante canal de vida que, todavia, necessitavam de cuidados para que o fluxo que o atravessava não fosse tolhido por ameaças diversas, no caso das paisagens representadas aqui, por *perseguições*, como diriam meus avós. *Oh, meu filho, eu estou tão cansada de pelejar com deste tanto de bicho-bruto, ainda mais porque tive que criar deste tanto de filho (12 filhos) ... Me dá vontade de vender tudo... Mas aí eu sinto falta de cuidar dos bichinhos...*

Para minha avó, diante das perseguições, há duas opções: vender tudo ou continuar na peleja. Foi por ela ter até hoje escolhido a segunda opção que posso propor ao leitor deixar-se

envolver um pouco mais com tal processo, que possibilita a vida, ao mesmo tempo que a suga no espaço que vai da casa de meus avós até a croa, atravessando a estrada; que se estende desde o quintal da casa até as capoeiras, subindo serrote acima, não sem antes dar uma passada pelos poleiros, pelos currais das cabras e das vacas, e no chiqueiro de galinhas, e da porca; que finalmente chega ao roçado, já no pé ou no alto do serrote, onde à noite habitam visagens, e durante o dia ventos capazes de “arear” aventureiros desprevenidos; que, afinal, fazem cabritos nascerem vivos, crianças não morrerem afogadas e que eu seja, um dia, vaqueiro. Ora, se hoje ainda não o sou, isso também é questão de peleja.



## CAPÍTULO (TEMA) 2 - A MANUTENÇÃO DA VIDA.

Ao menos uma ou duas vezes por mês, eu passava o final de semana em Nova Russas-CE, que fica a quinze minutos do Góes. Geralmente, eu retornava à casa de meus avós ainda na manhã de segunda-feira ou, no máximo, à tarde. Em uma dessas segundas-feiras, apenas no final da tarde participei de uma peleja que me pareceu digna de nota.

Por volta de 17h, fui até a cozinha da casa da minha avó. De lá, encostado na porta que dá acesso ao quintal, vi que ela estava no terreiro tentando pôr as cabras no curral. Não demorou muito para que eu fosse até minha avó com o intuito de auxiliá-la nesse serviço. Tudo parecia-me ocorrendo como de costume, ou seja, eu atalhava as cabras para que entrassem no curral (o que exigia certa correria) e elas, finalmente, entravam quase que em fileira, de forma pacífica, apesar de um tanto apressada. No entanto, logo minha avó me disse: *Nathan, não deixa essa ali entrar, já faz um tempo que eu quero pegar ela*. Obedecendo ao pedido de minha avó, não deixei essa cabra adentrar o curral. De início, eu não entendi o motivo para deixá-la do lado de fora. Apenas imaginei que minha avó queria dar algum remédio a ela, ou milho. Mas depois de tê-la atraído com um pouco de milho dentro de uma tigela de alumínio bem castigada, minha avó falou:

- Olha só, tá bem aqui e tá é grande já... Disse minha avó, passando a mão um pouco abaixo da cabeça da cabra.

- O que vó? Perguntei eu sem entender o que se passava.

- É uma pus que criou aqui no pescoço dessa cabra.

- Pus?

- É... olha aqui, tá vendo esse mondrongo<sup>5</sup> aqui?

- Sim...

- Pois é.... É pus que criou.

- Hum... e porque criou?

- É que cria mesmo essas coisas nesses bichos.

- E agora? Você vai dar remédio?

- Vou ter que tirar.

---

<sup>5</sup> Um mondrongo pode conter ou não pus. Pode também ser algo como um galo, resultando de pancada.

Apesar de minha vó ter-me dito que aquilo precisaria ser extraído, eu não conseguia entender o que ela queria dizer. *Tirar...* Eu falava comigo mesmo sem refletir muito acerca da ideia de tirar aquilo do pescoço da cabra. Ainda mais porque, para mim, aquilo parecia estar tão profundo que a única maneira de ser removido seria fazendo um grande corte, mortal talvez, no pescoço do pobre animal.

Então, minha avó amarrou a cabra pelo pescoço à cerca, de maneira que ficasse com pouca margem a qualquer movimento, contanto que alguém a pressionasse contra a própria cerca, que separava o quintal de uma pequena croa. O animal quase não impôs obstáculo a isso e permaneceu, aparentemente, bem calmo. Foi então que eu vi minha avó com uma faca na mão. Eu ainda não conseguia entender o real objetivo de tudo aquilo. E isso porque não conseguia imaginar uma forma de curar aquela enfermidade. Para mim, minha avó apenas averiguaria mais atentamente o pescoço da cabra, mas por que amarrá-la? Seria um remédio tão ruim assim que exigia que a cabra fosse amarrada? Então, minha avó me disse que eu deveria segurar a cabra firmemente, no entanto, eu não sabia onde segurar.

- Assim, olha! Pega pelo couro! Disse minha avó.

- O que você vai fazer?

- Vou tirar...

- Tirar?

- É meu filho, segura aí direito, minha avó concluiu, quase mecanicamente.

Duas coisas, finalmente, deram os contornos finais da paisagem que já começara a se formar. Primeiramente, comecei a pensar que minha avó realmente tiraria aquela substância purulenta do pescoço do animal. Em segundo lugar, eu me vi cada vez mais envolvido em um procedimento cirúrgico um tanto assustador, onde o paciente, sem saber que seria curado, começava a se debater de forma que, até mesmo o cachorro que estava próximo, começou a ficar com medo, pois latia de forma bem assustada. O mais interessante disso tudo foi ter sido imerso em uma atividade que eu jamais estaria disposto a fazer se soubesse, previamente, no que consistiria sua natureza. Eu só conseguia pensar no sofrimento do animal. Para mim, ele imaginava que seria morto de forma cruel por aqueles que pareciam ser seus protetores. E o pior de tudo é que o cachorro, que dava latidos um tanto melancólicos, parecia entender o significado de cada gemido dado pela pobre cabra. E esses latidos reafirmavam, para mim, na língua própria dos cachorros, que aquele pobre animal estava esperneando de medo da morte iminente.

Conforme o animal se debatia, minhas forças para segurá-lo diminuía e minha avó dizia: *Segura com força, segura!* Mas a pena que eu sentia pela cabra impedia-me de continuar segurando-a, até que, finalmente, a larguei e fiquei apenas observando minha avó tentando dar o golpe no pescoço da cabra. *Não tem como pôr ela para dormir? É melhor pôr ela pra dormir! Porque você não deixa isso pra depois? Isso é realmente necessário? Isso não sara sozinho?* Foram algumas frases que disse à minha avó, na tentativa de tornar a situação menos conflituosa para mim. No entanto, minha avó parecia sempre decidida em fazer o corte profundo no pescoço do animal. Nesse momento, me confortou uma lembrança que me veio à cabeça, de repente, de um dia em que minha avó me contou que cortava, quando necessário, o papo de algumas galinhas para tirar sacolas ou outras coisas. *Bem, pensei eu, se minha avó corta papos de galinhas de forma que consegue tirar sacolas de dentro deles e depois os costurar, logo ela deve saber o que está fazendo.*

Então, finalmente, minha avó acertou um golpe com a faca e conseguiu fazer um corte de duas polegadas no pescoço da cabra, pouco abaixo de sua cabeça. Eu imaginei que o animal morreria e que não havia nada ali, pois só conseguia ver o buraco feito no pescoço dele. Nesse momento, ele ainda se mexia muito e berrava de forma que dava muita pena. De repente, apareceu uma bola branca saindo pelo buraco feito no pescoço do animal. *Viu! Olha o tanto de pus!* Disse minha avó que logo começo a espremer aquilo. Cada vez que ela espremia e aquela substância extremamente viscosa saía, o animal berrava ainda mais alto e eu ficava com mais nojo ainda. *Como ela tem coragem?* Perguntava-me. Nesse momento, não conseguia ficar mais tão próximo do animal, o observando de longe e com muita vontade de sair dali.

Então, minha avó me pediu para buscar água em um pequeno balde de alumínio. Quando lhe dei o balde com água, ela limpou o lugar do corte. O interessante foi notar que quase não saiu sangue, apesar daquele corte ter me parecido bem profundo. Após limpar o ferimento, minha avó colocou sal, e em seguida, babosa (remédio do mato). Então, colocou um remédio de farmácia, talvez algum antibiótico.

Finalmente, quando minha avó desamarrou o animal, ela deu um pouco de milho a ele.

- Tá vendo? A bichinha já tá é aliviada.

- Hum... E quem lhe ensinou a fazer isso?

- Foi minha mãe, ela me ensinou essas coisas. Ela era parteira, eu já tirei foi menino.

- Ah...

- A gente que cria esses bichos, tem que saber fazer essas coisas. Eu faço tudo, trato desses bichos, tiro bezerro que não quer sair...

- Ah, pois é...

Mais tarde, já à noite, minha avó e eu fomos averiguar como a cabra estava. Para isso, fomos até o curral. Com a ajuda de duas lanternas, conseguimos ver a cabra sentada perto de um pequeno grupo formado por quatro cabras no total. Apesar do sofrimento por que passara, o animal parecia que se recuperaria rápido.

- É aquela ali! Disse minha avó, apontando a lanterna para ela.

- Ah... eu acho que estou vendo.

- Ela tá mastigando?

- Tá...

- Tá vendo? Já ‘tá é satisfeita, aliviada. Olha ali, ela ‘tá perto da mãe dela e das outras cabras que são filhas da mãe dela.

- Ah... e elas ficam aí juntas? Perguntei.

- É! Elas ficam juntas. Ali estão os outros, todos juntos no outro lado.

Então, voltamos para casa.

As paisagens com as quais tive contato no Góes, e das quais participei por alguns meses, tinham como seus construtores, cabras, galinhas, bacorinhos, entre outros. E suas construções não seguiam, necessariamente, um roteiro pré-determinado por uma condição qualquer de espécie ou por uma reverberação neles de uma suposta “humanidade”. Para além de uma relação entre espécie humana e espécies não-humanas, as paisagens que aqui represento se constituem de relações pessoais. Uma forma de entender o caráter de tais relações é perceber, como Guilherme de Sá (no prelo) propõe, a subjetividade de criaturas, considerando assim, que elas podem existir para além da projeção de afetos e desejos humanos.

A Bondosa, por exemplo, era uma cabra que não bebia junto com as demais. Todos os dias, por volta de duas horas da tarde, algumas delas chegavam das capoeiras e ficavam andando e berrando na parte do terreiro que fica em frente à casa de meus avós. Finalmente, devido à sede, elas pulavam a cerca que rodeia o quintal e procuravam um balde previamente enchido, por minha avó, com água. Essa água tinha que estar fresca, ou seja, tinha que ter acabado de sair da torneira, caso contrário, as cabras não a bebiam. Certa vez, ao observar que uma das cabras

estava bebendo em um balde separado, perguntei a minha avó, que tinha acabado de se levantar de sua rede, o motivo daquela cena:

- Vó, porque essa cabra ‘tá bebendo separada das outras?

- É porque é a Bondosa... Ela não bebe sobejo das outras não...

- E não?

- Não! Tu já pensou? – disse minha avó, rindo – Um dia desses, ela ‘tava seca, com a boca seca e aí, eu percebi que ela não bebia junto com as outras. Ela só fazia olhar e saía. Como é que pode? Até os bichos, tem deles, que são nojentos...

O que a Bondosa nos revela, para além do seu *costume* de não beber junto com as outras cabras, é que talvez seja conveniente a ideia de uma forma de antropologia que não busque antropologizar; que busque desenhar paisagens em que os chamados “não-humanos” são algo mais que “não-humanos”, podendo, portanto, pelejar pela vida e assim, desenhar soluções criativas nas diversas paisagens em que podem existir.

*É muito bicho pra perseguir!* Disse uma vez meu avô, após refletir sobre certos bichos que maltratam seus legumes. E a perseguição transcendia e muito a pus que escorreu pelo pescoço da cabra. Contra ela, a única saída era muita peleja. Para que a vida se mantivesse, mesmo diante das várias perseguições, que davam trabalho à Caduca, à Bondosa, ao Bonde Manso, a uma ou outra cabra, aos legumes e minha avó, a meu avô, entre outros, a peleja tinha que colorir logo os primeiros anos de vida de um cabrito, por exemplo.

Certa vez, pouco antes das cinco horas da tarde, minha vó e eu estávamos no curral das cabras. Isso porque ela tinha me chamado para ajudá-la a fazer alguns cabritinhos recém-nascidos mamarem no peito de uma cabra, mãe deles. Os peitos estavam feridos porque, segundo minha avó, a cabra os tinha ralado no arame de alguma cerca. Devido ao ferimento, ela não queria deixar que seus filhotes mamassem, sendo assim, minha avó estava com medo deles não conseguirem sobreviver, já que não estavam tomando o leite materno.

Não foi fácil fazer com que a cabra deixasse que seus filhotes bebessem o leite materno. Enquanto eu a segurava – sendo que ela estava amarrada à cerca pelo pescoço – com uma mão em cada chifre, e a pressionava – com uma de minhas pernas – contra a cerca que fazia o contorno do curral, minha avó, sentada em um pequeno banquinho de madeira, que tinha assento de couro de cabra, segurava a boca de um dos cabritos e a encostava contra um dos peitos da cabra. Minha avó permanecia nessa mesma posição, um tanto desconfortável, ainda mais para

uma pessoa da idade dela: sentada na pequena cadeira, agarrando, com os dois primeiros dedos de um dos pés, a perna da cabra, de maneira a deixá-la numa posição fixa. Com uma mão, empurrava e mantinha a boca do pequeno cabrito encostada em um dos peitos da cabra e, com a outra, uma hora segurava o corpo do cabrito, para mantê-lo numa posição firme, outra hora agarrava o espinhaço da cabra, o apertando. Finalmente, em outros momentos, minha avó alisava a barriga da cabra, para que ela se acalmasse. Só após alguns minutos o cabrito finalmente começou a mamar. Enquanto ele mamava (impondo dificuldade a isso), por vezes minha avó fazia um som com a boca. Ao que me pareceu, estava tentando repetir o barulho que o cabrito fazia com a própria boca enquanto mamava. Esse barulho era feito com o tom de voz de alguém que adula outrem.

Quando minha avó finalmente terminou de ajudar o cabrito a mamar, eu perguntei a ela se um outro cabrito, que estava por perto, também não mamaria. Ela disse que não, pois a mãe dele era outra.

- Cansou, Nathan, o bichinho de tanto mamar... Olha o tamanho desse bucho! Esse aqui vai ser o Padre Siqueira... Disse minha avó, que estava tão exausta quanto o cabrito.

Depois, ela ficou se admirando dele, que estava de barriga cheia. Minha avó parecia estar muito satisfeita, talvez mais do que o próprio animal. Além disso, ela me pediu para pegar na barriga dele, para que eu percebesse como estava cheia de leite.

- Não sei nem se aqueles ali estão mamando também... Ela (a cabra, mãe deles) já tá enjeitando o cabrito, disse minha avó.

Depois, ela comentou que deixaria a cabra amarrada para que ela ficasse sempre no mesmo lugar, junto aos cabritos, para saber que eles eram os filhos dela.

Durante minha estadia na casa de meus avós, muitas atividades e espaços com os quais me vi envolvido constantemente me absorviam em um sentimento de familiaridade, ao ponto de me fazer duvidar de meu empenho em minhas obrigações como estudante de antropologia. Outras vezes, no entanto, me via tocado por total *surpresa* e inesperado choque de percepção. Quantas vezes eu já havia presenciado minha avó a se envolver com os primeiros dias de vida dos cabritos? Quantas vezes eu já havia visitado aquele mesmo curral de cabras? Como me eram e ainda me são familiares aquelas estacas retorcidas que compõem as paredes daquele curral, para não falar de vários outros espaços onde meus avós e seus bichos passavam o dia, a noite e a vida. Ao mesmo tempo, quão surpreso eu ficava quando minha avó repetia o som que o cabrito fazia

ao mamar e quão inesperado foi, para mim, em certa ocasião, perceber o que diferenciava uma croa de um roçado... Enquanto neto, eu passava alguns dias na casa de meus avós; enquanto estudante de antropologia, eu me via rodeado por espaços e eventos que me surpreendiam profundamente. A surpresa era, portanto, sinal por excelência de que alguma coisa estava se juntando aos bytes que davam corpo aos arquivos de minhas anotações de campo, armazenados em meu notebook. Mas para além de um mero sinal, essa surpresa ou *estranhamento*, como Mariza Peirano (2014) nos ensina, era ferramenta fundamental, sem a qual eu não poderia ter colecionado anotações de campo. Essa ferramenta, como uma dádiva dos deuses da antropologia, não me surgia às mãos simplesmente segundo minha vontade, nem funcionava durante o intervalo de tempo que eu poderia pretender; essa ferramenta fundamental chamada por Mariza Peirano de *estranhar*, muito provavelmente, foi tão importante para mim (e é tão importante para qualquer antropólogo) quanto a inspiração é para o poeta. Sem estranhamento, sem inspiração, não haveria antropologia, nem poesia.

\* \* \*

Enquanto eu armazenava bytes (ou anotações de campo) em meu notebook, a cabra permanecia amarrada no curral das cabras, perto de seus filhotes. Por outro lado, algum galo, que já tinha recebido energia suficiente para ser abatido, aguardava, no chiqueiro das galinhas, seu momento final, que seria selado pelo deslocamento de seu pescoço. Na croa, os legumes davam suas primeiras bajens de feijão e espigas de milho, enquanto tentavam sobreviver diante das perseguições de diversos bichos. Por outro lado, nas capoeiras, a tarde fugia por detrás do serrote. No meio do quintal de meus avós, uma árvore, que servia de poleiro, já poderia ter uma placa: não há vagas, dado a quantidade de galinhas que ali já começavam a dormir. E as cercas, benditas cercas, permaneciam como muralhas imponentes à travessia da porca ao quintal, na sua incessante busca de não sei o que. Mas isso até que alguém esquecesse a cancela aberta.

Assim, esses lugares, abrigando negociações cotidianas entre criaturas-criativas, estavam tendo continuidade, sendo reproduzidos no tempo por tais criaturas, ao mesmo tempo que as reproduziam. Em outras palavras, ou melhor, em acordo com a ideia de John Law e Annemarie Mol (1994) acerca do *materialismo relacional*, esses lugares não simplesmente participavam (como suportes) das relações entre meus avós, suas galinhas, cabras, porca, legumes etc., mas eram existências essenciais a essas relações, tanto que tinham parte em sua continuidade ou reprodução. E conforme essas relações se modificavam, ou seja, conforme as negociações entre

essas criaturas ganhavam novos contornos, esses lugares, materializados no espaço, também sofriam modificações em sua estética. Ora, as cercas espalhadas pelos arredores da casa meus avós já foram muitas vezes renovadas, recuadas, ou afastadas, aumentando ou diminuindo a dimensão do quintal de meus avós. O curral das cabras, por sua vez, outrora ocupou outros espaços do terreno de meus avós, e lembro-me que na pequena croa situada ao lado do quintal deles, havia um grande pé de seriguela, que era o ponto de encontro entre alguns de meus primos. Infelizmente, do pé de seriguela nada restou além de alguns troncos e galhos curtos; além da esperança de crescer em outras relações, negociando sua existência outras criaturas-criativas. E enquanto o pé de seriguela pelejava para alongar seus galhos, meu avô, no alpendre, assentava uma cabaça sobre as pernas para que, dentro dela, os caroços de feijão maduro caíssem e se convertessem em energia e em continuidade no dia seguinte, já no prato de algum bicho.

Foram nas ocasiões em que meu avô debulhava feijão, no alpendre, que muitas conversas entre nós dois tiveram existência. Enquanto ele pressionava, com seus dedos polegares, as bajens de feijão, as abrindo, empurrava os caroços com os outros dedos, os fazendo cair dentro da cabaça ou, algumas vezes, dentro de alguma bacia. Em meio a isso, eu fazia algumas observações sobre várias coisas, principalmente sobre o tempo e sobre os legumes que eram plantados na croa. Todavia, muitas vezes, meu avô começava a falar livremente, sendo minha presença ali, talvez, a única contribuição que eu dava a tal iniciativa. Certa vez, ele começou a falar de suas plantações de feijão, reclamando do fato de terem (minha avó e a tia Maria) plantado o feijão junto ao milho. Para ele, o certo seria plantar uma carreira de feijão e outra de milho, não deixando, portanto, milho e feijão juntos numa mesma carreira. Segundo meu avô, isso ocorreu porque *as mulheres nunca souberam plantar nada*.

Perguntei a ele qual o problema em plantar feijão e milho numa mesma carreira, e ele me respondeu que, quando o legume era plantado assim, o feijão acabava derrubando o milho, não havendo assim, uma cooperação para que ambos crescessem de forma saudável. É interessante observar que, Roberto Almeida (2005) notou que os camponeses da Baixada Cuiabana-MT também trabalham com essa ideia de cooperação entre os legumes plantados. No entanto, enquanto ele enxergou nisso uma replicação, na roça, da harmonia que pairaria na “natureza bruta”, em nenhum momento consegui perceber tal harmonia nas relações que os diversos bichos e plantas travavam entre si e entre meus avós. E no caso da organização do feijão em meio a plantação de milho, vê-se aí, em vez da busca em manter certa cooperação natural, a necessidade



de encontrar soluções criativas diante de acontecimentos que, caso o contrário, poderiam se somar ao já grande número de perseguições que teimam em quebrar o fluxo de troca da vida presente nas paisagens aqui expostas.

Em seguida, meu avô comentou que também os passarinhos maltratavam o milho. Já as moscas chupavam o feijão. Além dos passarinhos, meu avô citou as lagartas como também prejudiciais ao milho, tanto que, elas só morriam quando o milho secava. Então, eu perguntei se ele não usava veneno. Após dar uma pequena risada, meu avô respondeu, *É ruim de colocar porque ficam (as lagartas) dentro da palha. O Deja (tio Dejaci) passava o dia tirando as lagartas... E elas atrasam o milho porque só comem o olho do milho (o olho do milho fica no topo do milho). Mas quando a palha fica dura e pendoa, a lagarta vai para a espiga.*

Meu avô disse ainda que as borboletas também criam lagartas que prejudicam o milho, no entanto, as lagartas das borboletas aparecem mais frequentemente no verão. *É muito bicho pra perseguir*, disse ele, *Tem também os passarinhos. É muito perseguido as lavouras, por isso tem gente que coloca veneno, mas faz mal às pessoas.*

Segundo meu avô, as moscas chupam a flor, que é a vitamina do feijão. A bajem nasce dentro da flor e quando essa bajem é chupada, “o feijão nasce ruim”, ou seja, com falta de caroços. Em seguida, meu avô voltou ao tema da lagarta do milho. Ele disse que essa lagarta, que é a lagarta do olho do milho, começa no pendão e depois passa para a espiga. Então, ele começou a explicar as fases do crescimento do milho:

- Quando o milho nasce e vai crescendo, se chama chicotando. Depois, quando o pendão abre, se forma o pendão. Quando a chuva é muito boa, o pendão sai e a espiga já tá de fora, o milho cresce. Mas também, se for chuva demais, embreja (molha demais, enche d’água) o milho. Por isso, tem que ser na medida certa.

De repente, ouviu-se o som de um tiro.

- Foi tiro foi? Disse meu avô, Será que foi o Luis?

- Não sei... E por que ele atiraria?

- É bem pra espantar os periquitos, porque eles comem o milho pra levar pr’os novos. Eles comem e enchem o papo, voam e dão comida pr’os filhos. Aí, eles voltam e vem buscar mais. Eles põem uns cinco ou seis (filhotes)... É loooonge... Eles põem naqueles cupins que não tem mais nada vivo. Eles furam e põem lá dentro... Eles rasgam a espiga do milho e comem... Ora, o

lavrador trabalha pra um bocado de bicho. Além dos de casa, também têm os do mato... Tem os preás, tem os pebas...

Diariamente, após ouvir um programa no rádio e merendar, meu avô tomava o caminho para a croa, que fica em frente à sua casa. Passando pelo alpendre, ele abria o pequeno portãozinho de ferro que fornece acesso ao terreiro, onde os bacorinhos já faziam muito barulho, como se estivessem resmungando ou reivindicando algo ao meu avô. *Diaaaaabo que esses bichos querem... Vão comer mato!* Dificilmente, os bacorinhos o atendiam e só deixavam de segui-lo quando ele cruzava a cerca que dá acesso à croa.

Como estava no inverno, meu avô passou rapidamente pelo depósito, que fica logo na entrada da croa, para pegar uma foice com a qual cortaria o mato que estava crescendo sobre a cerca situada ao lado de um de seus legumes (*entendidos aqui como lugar*). Havia ainda outros legumes que não lhe pertenciam: um que era do tio Deja e uma pequena parte que era do Evandro. Nos legumes, havia milho, feijão, jerimum, melancia e algumas bananeiras. Além disso, distribuídos pela croa, havia ainda dois pés de manga, um pé de caju, um pé de acerola e dois cacimbões.

Sempre que a croa ficava encharcada, ou seja, sempre que as águas do Rio do Góes transbordavam a barreira que o contornava, invadindo a croa, era sinal de que o inverno tinha sido bom. Infelizmente, enquanto eu estava no Góes, as chuvas não foram suficientes para que a croa ficasse embrejada. Esse ano, o inverno não foi bom. Na verdade, o inverno foi apenas parcial, não geral.

*Rapaz, mas que tanto mato é esse?* Dizia meu avô, já passando a foice nos matos que encobriam a cerca. Com muito cuidado e mantendo certa distância em relação a ele, eu tentava o ajudar com outra foice. Para mim, foi uma ótima terapia toda aquela derrubada de mato.

Apesar de que estávamos em um local da croa que já ficava bem perto do Rio do Góes, não era possível ouvir o som de sua correnteza, pois ela era muito tímida. E essa timidez ensejou em mim algumas questões que entreguei a meu avô:

- Vô, a enchente do rio dura até quando?

- Quando a enchente é grande, dura até julho escorrendo. No ano passado, que não choveu, as terras estavam secas demais.

Em seguida, meu avô me perguntou por onde começava a chuva em Brasília e eu tentei responder dizendo que, parecia sempre ter começado de uma parte do céu que fica na direção

frontal à casa onde moro. Então, ele disse-me que o caminho da chuva era diferente no Góes, e disse ainda, apontando para uma região do céu, que não sabia o motivo da chuva descer para tal região. Todavia, ele tinha a hipótese, segundo a qual, o vento era mais forte ao redor dela.

Após alguns minutos de derrubamento de mato, paramos um pouco para descansar. Foi então que ele me falou sobre o inverno parcial e o inverno geral:

- Quando é geral, a gente sabe a notícia pelo rádio de que os rios estão cheios em toda parte. Mas agora, os invernos são em um lugar sim e em outro não... O Tempo é conforme as pessoas. Até o tempo muda também.

Segundo meu avô, o tempo vem ficando cada vez pior por causa das pessoas, que também estavam piores (moralmente), pois só queriam agora saber de si mesmas. Eu acrescentaria que as pessoas também são conforme a ele. Um exemplo: no Góes, um dia de chuva era um dia distinto; pode-se dizer que a chuva participava crucialmente no desenho da paisagem de um dia. Certa vez, sentado numa cadeira, no alpendre, apenas senti a chuva participar. Após roubar a pouca água disponível aos seres terrestres, o céu constrangeu-se com o sofrimento dessas criaturas. Como resultado, ele tomou tons de azul devido à concentração de água em sua face. Se nos céus corresse sangue, ele teria se enrubescido. Entrou em cena, então, o que eu chamo de *agouro celeumático*. De um lado, surgiram na estrada algumas cabras. Aos berros, elas correram sem saber ao certo onde irem. Em um primeiro momento, pararam em frente ao portãozinho que dava acesso ao alpendre da casa de meus avós. No entanto, não encontrando sossego ali, continuaram a correria, mas agora dando voltas ao redor da casa. As galinhas, mais calmas, contentaram-se em se abrigarem ao pé das cercas. As vacas, sabia Deus onde estavam. O cachorro, de repente, chegou ao alpendre pulando o pequeno peitoril, e aconchegou-se silenciosamente no canto mais discreto possível, longe dos primeiros pingos de chuva. Ali, escaparia do olhar de meus avós, que poderiam o expulsar para o terreiro. A porca, por sua vez, parecia pouco se importar com o que estava para vir dos céus. E nisso, ela parecia não participar desse primeiro momento da chuva. Por fim, os humanos, invariavelmente, começavam a se recolher em suas casas, claro, sem se esquecerem das cadeiras, que estavam no alpendre. Eles esperariam pacientemente a chuva passar. Se trovejava, eles desligavam os eletrodomésticos, se relampejava, procuravam calçar as sandálias. Era absolutamente temerário tomar banho enquanto a chuva continuava a cair forte, assim como ficar no alpendre ou sair na chuva.

E enquanto isso, a porca, a única que parecia enfrentar a chuva face-a-face, procurava o lugar mais encharcado possível. Em um primeiro momento, deitou-se numa poça de lama, ali permanecendo até avistar outra ainda mais encharcada. Depois, não se satisfazendo com nenhuma poça de lama, caminhou até o pé da cerca e ali ficou, e dormiu.

Finalmente, após o momento da chuva, apresentou-se o que eu chamo de *amainação*. As cabras saíram de debaixo das árvores e voltaram a circular livremente pelo terreiro da casa. Já as galinhas, saíram do pé da cerca e voltaram ao seu trabalho laborioso de catar grãos de tudo em quanto no terreiro. O cachorro, por sua vez, permanecia no alpendre, mas sempre esperando ser expulso por meus avós. A porca continuava imóvel. Os humanos, finalmente, chegaram-se ao alpendre para ver a água escorrendo pelas estradas, para averiguar o caminho que a chuva estava tomando e para secar o alpendre. Também abriram as janelas de suas casas e ligaram seus eletrodomésticos. Além disso, alguns aproveitaram para tomar banho.

Esse momento de amainação duraria até o dia seguinte, quando o sol brilharia forte novamente. Até lá, uma espécie de calma tomaria de conta da paisagem goesense. O vento tinha parado um pouco de soprar, mas agora trazia uma sensação de frio que enterneceria o mais bravo goesense. Do alpendre, era possível avistar os legumes e a estrada, ambos encharcados. A lama no terreiro renascia, e com ela a felicidade da porca. *Tá vendo como ainda choveu?* Exclamava meu avô, de vez em quando.

Deus fizera seu trabalho. Ele permitiu que a chuva existisse. Sua água era imprescindível para que as plantações de meus avós pudessem fornecer vida aos bichos de casa e aos do mato. Certa vez, no alpendre, perguntei a meu avô sobre o plantio de frutas em sua croa. Segundo ele, esse tipo de plantio era escasso pois necessitava de abundância de chuva:

- A gente fica aguando aqueles pés de mamão, mas os bichos (os pés de mamão) parece que... Mas eu vou conservando ele, vou botando uma aguinha e aí, quando chover, se Deus quiser, eles floram. O inverno, quando chove, cai nas folhas, cai em cima até embaixo. A gente bota aquela aguinha velha só no pé e as folhas do bicho fica tudo murchas. A água da chuva é abençoada. Quando ela cai, ela vem molhando tudo logo de cima pra baixo.

Tendo Deus feito seu trabalho, faltava então que o solo fizesse sua parte, fornecendo vitamina necessária ao crescimento dos legumes plantados por homens, mulheres e, em alguns casos, crianças. Não obstante, não afirmaria que essas existências se relacionam pautadas por um sistema moral, como observou Ellen Woortmann (2009), em seu trabalho sobre os sistemas

agrícolas de sitiantes sergipanos. Segundo a autora, esses sitiantes mantêm uma relação harmoniosa com Deus e a terra, obedecendo a um sistema moral, chamado por ela de “triângulo Deus, Homem, Terra”. Ora, supondo que não seja necessária a inclusão, em tais relações, de uma diversidade de existências que delas parecem estar fora – coisa que eu não concordo – até que Deus tenha permitido que a chuva existisse, no caso do Góes, até que meus avós chegassem a um acordo sobre a quantidade de sementes que cada cova deveria receber, até que o solo fornecesse vitamina aos legumes, foram necessárias várias negociações, não necessariamente feitas em harmonia ou obedecendo algum critério de moralidade. *Menino bota a mão cheia...* – disse-me certa vez meu avô – *Tem que saber plantar, pois se pôr muita semente numa cova, não tem vitamina suficiente...* E nisso, a peleja tinha início. Por que até para nascer, como vimos, a peleja é grande.

Era preciso, primeiramente, saber que milho plantar. O milho do governo, por exemplo, distribuído anualmente aos meus avós e aos agricultores da região pelo Governo, era grande e dava pouca espiga, no entanto, era mais rendoso (comprovei isso na própria pele, ralando milho para fazer o “pão” ou cuscuz com leite). Por outro lado, o milho do estado, que era um milho nativo, era muito mais gostoso, apesar de menos rendoso. Em um final de tarde qualquer, após ter dado a comida para os bacorinhos, em um cocho que sempre ficava no terreiro, minha avó, já sentada no alpendre, para descansar as pernas após um dia de sacrifício, falou-me sobre o tal milho do governo.

- Esse milho que é do governo, só presta pra gente plantar um ano! Aí, a gente vai e guarda pra plantar, mas nunca dá. É deste tamanho o caroço! (pequeno). Agora o milho do Estado, que é um milho que temos por aí, não sei nem se acho mais... É um milho bom! Mas agora, tem cada espiga do Governo aí, um milho velho (ruim) do Governo. Eu já tinha desconfiado de que ele não prestava.

Com relação ao feijão, era preciso ter em mente, principalmente, os tipos tardões e os não-tardões. Um exemplo de feijão não-tardão era o do tipo “novo oriente”. Certa manhã, eu me dispus a apanhar feijão na croa de meus avós. Minha avó estava bastante preocupada porque muito feijão se perderia, pois ela não daria conta de os apanhar, nem de pagar “trabalhadores” para que fizessem isso. Ao ver a tia Maria indo para a croa, a acompanhei. Lá, conversamos um pouco sobre os feijões. Foi nessa ocasião que ela falou-me dos feijões tardões:

- Nós plantamos feijão de moita e o feijão de corda branco. É um feijão tardão. Agora, o Evandro plantou um pé de Novo Oriente, que é vermelho e dá mais rápido. Ele estava com medo do inverno ser pouco, então plantou ele. Mas ele não é muito bom para plantar porque pode o inverno ser grande. Se o inverno for grande, a gente perde porque ele apodrece todinho.

Mas até chegar o momento decisivo de pôr as sementes escolhidas nas covas, tendo o cuidado de colocar uma quantidade razoável de sementes em cada uma, tendo o cuidado de manter uma certa distância entre as carreiras de covas, sem falar na disposição correta dos tipos de legumes que farão parte dos legumes, foi preciso um processo de preparo da terra que começou desde a decisão sobre onde plantar os legumes, ou seja, no roçado ou na croa.

Muitas das conversas que tive com meu avô tinham como foco o seu passado, tanto no Góes, quanto no Amazonas. Longas horas o ouvi falar de suas aventuras no Amazonas, quando trabalhou em um curtume e como caseiro, em um pequeno sítio no meio da floresta. Por outro lado, também eram constantes as lembranças sobre um passado que se apresentava como ponto, a partir do qual, o presente foi se desenhando de forma que os aspectos do cotidiano foram se deteriorando, se corrompendo em um mundo onde nem o tempo, nem as pessoas são mais como “antigamente”.

- No tempo em que meus filhos estavam aqui, tudo dentro de casa, a gente ia roçar em cima daquele serrote! Apanhava o milho e trazia em comboio, de jumento. Hoje ninguém lá quer mais nada... Ninguém fala lá mais em brocar um roçado em cima de um serrote. Eu broquei dois roçados lá. Em um roçado, a gente plantava dois anos só. Não criava mato de jeito nenhum! Queimava demais, queimava tudo que não nascia nem mato. É... hoje o povo só quer saber de andar de moto! Naquele tempo lá tinha moto!

Meu avô sempre falava com entusiasmo sobre os tempos em que ele plantava nos roçados e das queimadas. Para além de um objetivo utilitário, ele via algum prazer nessa atividade:

- De primeiro, quando era assim no mês de setembro para outubro, eeeita! Era fogo de roçado, só se via fumaça de roçado pra todo canto! O pessoal queimando o roçado! Hoje, ninguém vê mais... Só alguém que planta, looonge, fumacinha véa aqui e acolá.

Mas antes da queima, sempre se broca o mato e se derruba algumas árvores maiores, como me contou meu avô em uma de suas conversas no alpendre:

- Pr'o lado do cerrote, para plantar assim, no alto, primeiramente, você tem que brocar o mato, como aquele mato que tem ali pra detrás. Você broca todinho no verão, começa logo no

mês de julho e quando é lá pelo mês de outubro, você queima, já tá tudo seco. Você faz o seguinte: você broca aquele mato todinho, rebaixando tudinho, cortando miudinho e tirando a madeira, rebaixando aqueles garranchos, e aí, quando é pelo mês de outubro, você queima. E aí, cerca e fica esperando chover lá pelo janeiro. Tem que fazer a cerca, senão o bicho come. Aí, quando é em janeiro, você planta, aí não dá muito mato, porque a terra é queimada. E é melhor de feijão, dá mais feijão do que na croa. O roçado novo é melhor, dá mais melancia, dá jerimum, o que você plantar dá. Na croa, quando nasce, com três dias já tem mato. A croa pode 'tá bem limpinha, mas quando chove, com três ou quatro dias já tá verdinha de mato. Se você não plantar ligeiro, ave Maria, é ruim de plantar.

A queimada é muito importante, seja na croa, seja no roçado. E ela é ainda mais importante na croa, uma vez que esta, por se situar em terra baixa, geralmente encharca no inverno, propiciando o nascimento de muito mato. Sendo assim, após a época da colheita, tudo deve ser queimado. Ora, vitamina demais, como vitamina de menos é um empecilho para um legume forte e saudável, que seja suficiente para alimentar tanto meus avós, quanto os bichos que eles criam. Esses bichos, aliás, pareciam ser dotados de uma fome invencível, que exigia que minha avó abandonasse sua casa, logo nas primeiras horas do dia, deixando meu avô na espera pela merenda. *Ora, aqui em casa, são os bichos que comem primeiro*, disse uma vez meu avô, inconformado com o fato de minha avó ter ido dar xerém aos pintos, não voltado mais para servir a merenda.

*Esses bichos faltam é comer a gente*, dizia sempre minha avó, quando dava comida aos bacorinhos. Realmente, eles pretendiam o fazer, como contou meu avô, por meio de um relato sobre as Reisadas, ocasião onde se promovia uma peça teatral itinerante.

- Começava, às vezes, em dezembro e ia até seis de janeiro aquelas Reisadas. Um bocado de gente ia brincar. Tinha o pai dos Caretas, os filhos, tinha o doutor, tinha o secretário, tinha a burrinha, tinha cos cabocos... tinha os índios, tinha a besta... pra besta, eles arrumavam uma queixada de bicho que tinha morrido. Aí, botavam um... fazia tipo um pescoço e botava aquela bicha velha dentro pregada em um pau... e amarrava uma corda no queixo velho da bicha. Aí, botava um chocalho. Na hora da apresentação, os caretas se montavam nela... eles só brincavam de noite. Deixava aquelas coisas tudo lá no terreiro e iam brincar no alpendre, assim, deixava as coisas acolá. Tinha uma pessoa pra tomar conta. Na hora da besta, um dos caretas ia lá e pegava a besta que entrava na sala. Aí aquela meninada faltava era morrer de medo. Aquela queixada

velha, *placa, placa, placa*, o caboco puxando naquela corda e a bicha batendo os queixos, *placa, placa*, e o chocalho, *belelêm, belelêm, belelêm*, e o caboco ‘os pulos... e os cabocos mais feio do mundo, e os caretas pulando para um lado e outro, e a égua velha atrás dos caboco. Era engraçado demais, rapaz. Aí, um dos caretas corria e se sentava no pé do capitão, o dono da casa era o capitão. O capitão tinha que tá ali para responder tudo, aquelas palavras que eles perguntavam; para responder aquelas coisas, para prometer o que a besta queria. Aí, quando a égua velha (a besta) boquinhava um caboco, o caboco, *pufo*, nos pés do capitão. Ele se deitava ali, e a égua velha ficava dando mordida nos espinhaços do cabra. Aí, o cabra que tava montado na égua: *chega, capitão, bote... lasque uma carga de rapadura nos dentes deste diabo, pra ela soltar teu irmão, se não, ela mata ele*, e aí, balançava o chocalho, *klenga, lenga, lenga*, e aí, o capitão dizia: *não, rapaz, caça ali um chiqueirador, para esse diabo sair daí!* Aí o careta dizia: *Não! Ela não quer peia não! Ela quer é comer! Ela tá com uma fome danada! Dê uma carga de rapadura pra este diabo, pra sair daí!* Rapaz, mas era engraçado. Aí, o capitão dizia: *pois... pois mande esse diabo se levantar que eu dô dez rapaduras. Não! Dez é pouco demais*, dizendo o careta, *Não dá nem pra quebrar o jejum! Dê mais! Vamos ver! Diga logo, porque se não, a bicha já tá matando, matando o irmão dele*, aí o capitão disse: *pois eu dou quinze! Não! Ainda é pouco! Êeeee... não dá nada, não, essa bicha come demais!* Aí o capitão dizia: *Pois eu dou vinte! É capitão, não é muito bom não, mas ela tá... tá pra comer teu irmão.* Aí rapaz... aí ela saía, né, ela soltava o caboco e o caboco se levantava, e corria de porta à fora, ia se esconder.

Pobre animal, morreu de fome e voltou para exigir a comida que não lhe deram... morreu de fome, portanto, retornou para alimentar-se daqueles que não lhe alimentaram. Era uma ofensa não alimentar os bichos, eles ficavam com raiva, como disse uma vez minha avó sobre um de seus bodes, que não estava mais sendo alimentado com milho:

- Ele comia era um saco cheio de milho, por isso ele tem raiva! Porque eu acostumei ele. Ele era bem pequenininho e eu deixava ele comer.

Minha avó disse-me que esse bode dava chifrada nas pessoas, além de desafiar meu avô, tanto que ela tinha medo dele. *Parece um rebolo, aquele bicho, eu tenho é medo dele...* O inconformismo era grande por parte das cabras. *Em vez de aproveitarem o tanto de mato que tem nesse inverno para se fartarem e aguentarem o verão, mas não...* – disse minha avó certa vez, vendo várias cabras no terreiro rodeando o alpendre – *De certo que elas pensam que eu tenho milho para dar de comer a elas... Se quiser que elas vão se lascar pra lá.*



No caso das galinhas, coisa parecida acontecia. Não satisfeitas em passarem o dia catando grãos de toda a sorte ao redor da casa, não fartas do milho que minha avó dava a elas, todo início de manhã e todo final de tarde, era preciso pastorear a porca enquanto comia, para que as galinhas não invadissem sua refeição:

- As galinhas acham pouco o milho que dou pra elas e ainda vêm comer a comida da porca. Mas eu não estou dizendo mesmo... Essa comida já é pouca pra essa pobre e aí vem essas galinhas com o papo cheio comer de novo.

De fato, era sempre preciso pastorear os bichos enquanto comiam, caso contrário, os outros tomariam sua refeição. Isso sem falar da necessidade de manter a vigilância sobre as galinhas que gostavam de passear perto de um chiqueiro, onde a porca estava passando seus últimos dias, antes de ser abatida. Isso porque ela poderia comer alguma galinha que caísse dentro do chiqueiro.

\* \* \*

Somente em uma circunstância um bicho não sentia fome: no caso em que ele estivesse sofrendo com alguma enfermidade. Segundo minha avó, o sinal mais evidente de que um bicho estava com problemas de saúde era sua falta de fome. Ora, nem só de milho vivem bichos. Eles são tão perseguidos pelas doenças quanto os legumes, portanto, exigem muitos cuidados para além de sua alimentação.

Pode-se dizer que a quantidade de perseguição tinha consideráveis efeitos sobre a quantidade de peleja e, portanto, de sacrifício que meus avós tinham que fazer para que os legumes e os animais permanecessem vivos e saudáveis. No entanto, o trabalho deles não era unívoco. Ao contrário, ele tinha existência em um *balseiro*. Essa palavra, empregada por meus avós para designar um amontoado de plantas misturadas e amarradas umas nas outras, mas também para designar uma certa, poderíamos dizer, *bagunça*, onde coisas estão misturadas, enroladas e enlinhadas umas nas outras, traduz bem o quão bagunçada e misturada estava a peleja de meus avós em meio à peleja das demais criaturas que com eles conviviam diariamente. E ao tomarmos a ideia de *bagunça*, empregada por John Law (2003) para traduzir a dinâmica de relacionamento das diversas existências sobre as quais a antropologia pretende escrever artigos, como algo análogo a um balseiro, podemos imaginar, em suma, que muito longe da peleja de meus avós ser dotada de uma forma bem definida e definitiva, ela se encontra enlinhada com existências outras que a transcendem. Assim, tanto meus avós, quanto as demais criaturas que

com eles pelem não se encontram em uma suposta harmonia com relação à natureza ou às supostas “coisas naturais”, e nem agem conforme uma postura moral para com a “natureza”. Em vez disso, se encontram em uma pele diária que resulta e é resultante de soluções criativas que precisam ser tecidas, reaplicadas, replicadas, reformuladas e ajustadas conforme as exigências das diversas existências que ofertam vida, em troca de vida.

Enquanto a pele se processava nas paisagens que possibilitaram a construção dessa monografia, as perseguições não cessavam de compor os cenários do dia-a-dia de meus avós. E a cada nova perseguição, novas peles entravam em cena. Era bicho e mato perseguindo os legumes, era doença perseguindo os bichos, bicho perseguindo gente e mato, visagem perseguindo gente e bicho, bicho perseguindo bicho e vice-versa.

No caso dos legumes, a perseguição se dava por conta de vários bichos, entre eles, como meu avô já nos disse, passarinhos como o “Golinha” e o “Sabacu”, lagartas, borboletas e também o camaleão. Sobre o último, meu avô falou-me já no derradeiro mês de minha estadia em sua casa. Estávamos no alpendre e era final de tarde. Meu avô, sentado em seu tamborete, observava sua croa. Em nenhum momento havia silêncio absoluto, nem sossego. Ouvia-se ao longe as cabras berrando no curral. De vez em quando, algum bacoquinho passava pelo terreiro, parava em frente ao portãozinho que dá acesso ao alpendre, olhava para dentro de casa e saía após meu avô espantá-lo. Sem falar nas motos que cortavam, de hora em hora, a estrada. Finalmente, uma ou duas vezes, alguma galinha com insônia deu um grito de susto, após ter aparecido no peitoril do alpendre e ter visto que meu avô estava sentado no tamborete. Em meio a essa paisagem, comecei a fazer comentários sobre os legumes e isso resultou no tema do camaleão:

- Batata doce você não planta? – perguntei ao meu avô.

- Não tinha semente, rapaz. É muito perseguido! O Deja trouxe uma coisinha velha (de sementes de batata doce) e plantou lá perto do cacimbão, do pé de caju pra cá uma coisinha. São os camaleões que comem a folha da batata.

- Camaleão?

- O camaleão é uma peste! Ele só se alimenta de folha, né. Come feijão, rama de feijão ele come tudinho. Se for pouco, eles comem que só dá pra eles. A rama de feijão, rama de batata... São uma peste!

- Então... além dos passarinhos, tem os camaleões...

- É! Os camaleões comem é a folha. As batatas, um dia desses, tinham muita folha, mas agora só tá o cipó. A hora deles comerem é dez horas em diante. Esses pés de pau são cheios de camaleão. Passam o dia atrepado por aí. Quando eles veem a gente, eles correm pra se atrepar e vão ficar no olho! No verão assim, rapaz, é uma perseguição do diabo! A gente planta, quando a bichinha (algum legume) vai nascendo, vai criando folha, o camaleão vai e come a folha. Não tem outra coisa pra eles comerem! Agora, no inverno, que cria forragem, mato verde, aí é melhor porque os bichos se alimentam do mato. Mas em um sequidão destes... Só se a gente pudesse botar uma tela, bem pertinho do chão, pra ele não entrar. Mas eles sobem! Eles sobem num pau desses aí que... Só se fosse coberto por baixo e por cima. Aí, ficava até fácil da gente matar eles, porque se ele entrasse lá, a gente matava ele. O bicho velho é valente! Se ele der uma chibatada com aquele cipó dele, com aquele rabo... Ele açoita com o rabo! Ele faz, *Shuí!* Chega zine! Quando o cachorro acoa ele, ele lasca o rabo, disse meu avô, rindo, e continuou: ele joga o rabo, rapaz, chega zine nos cachorros, mas quando o cachorro é valente, pega ele no meio dele e, *tiá!*, Masca assim que só se ouve a estralada de osso. Oh! Cachorro é bicho danado, cachorro valente mesmo. Pega ele, sacode para o lado e para o outro e joga lá pro lado, já com a boca aberta. Mas se o cachorro é mole, quando ele chega perto, (o camaleão) larga logo é o rabo e dá uma chibatada, porque o rabo dele é como daqui àcolá! E é duro, é igual um... é duro, dói que só... Ave Maria! O rabo dele é mê que um arame. Tem cachorro velho que corre é longe com medo.

Antes daquele fim de tarde, muita peleja já tinha me envolvido em trabalhos que me consumiram muita energia. Mesmo assim, eu invejava a disposição de meus avós. Quando eu acordava tarde, por exemplo, era minha avó quem seguia suas cabras até as capoeiras, um trajeto curto, mas que apresentava alguns obstáculos como pequenos morros e a necessidade de adentrar um pouco na mata das capoeiras. Mas, talvez, esse trabalho de acompanhar as cabras era bem mais difícil para mim, pois, segundo minha avó, elas pouco se importavam com o ato de eu as seguir (eu era muito “besta” com elas), portanto, elas davam muito mais trabalho a mim do que minha avó. Realmente, enquanto eu precisava dar boas corridas para conseguir colocá-las no curral, minha avó apenas andava atrás delas, fazendo gestos com as mãos e barulhos com a boca.

Segundo meu avô, o Evandro tinha uma relação ainda pior com as vacas, pois era muito bruto, unicamente gritava e batia nelas com o chiqueirador. E isso causava bastante problemas, já que as vacas, muitas vezes, não voltavam para o curral por causa da maneira que o Evandro lidava com elas. *Os animais são como a gente*, disse meu avô, *tem que ter jeito com eles. Quando*

*eu vou levar as vacas pro curral, é preciso ir empurrando, mas o Evandro basta aparecer que elas ficam tudo doidas.*

A comunicação entre minha avó e suas criações era, obviamente, muito mais efetiva (e afetiva) do que aquela entre Evandro e as vacas ou entre mim e as cabras. E essa comunicação era muito importante para que ela conseguisse, com a contribuição ou não das próprias criações, lidar com as perseguições. Além de sinais comportamentais como a falta de fome, muito importantes para se saber avaliar a saúde de qualquer bicho, minha avó estava sempre atenta aos sinais estéticos como a feiura, e aos sinais fisiológicos como o surgimento de catarro, caso as galinhas apresentassem gogo, por exemplo. Era a partir desses sinais que minha avó conseguia identificar a causa da enfermidade que assolava um ou outro de seus bichos.

Um pinto, quando ficava “feio”, segundo minha avó, com certeza estava comendo fezes de vaca ou de porcos. Já uma galinha que apresentava catarro, estava com gogo. Outra enfermidade comum entre as galinhas era o vento. Ao tratamento do vento, minha avó chamava de “ventar”, e consistia em 1. Furar a pele da galinha; 2. Espremer o local da perfuração para que o vento, que estava situado entre a carne e o couro, pudesse sair. Quando alguma cabra ou qualquer outro bicho não queria comer, ele estava com febre ou com alguma infecção. Para tratar das enfermidades que perseguiam tanto as criações quanto meus próprios avós e seus parentes, minha avó utilizava dois tipos principais de remédios: os da farmácia e os do mato.

Infelizmente, foram raras as ocasiões em que minha avó dava uma pausa em suas atividades para descansar um pouco no alpendre, como tanto fazia meu avô. De qualquer forma, certa manhã, ela resolveu descansar suas pernas, pouco antes do almoço. Eu já estava no alpendre, jogando cascas de manga para os bacorinhos comerem. E isso me distraía muito, pois achava bastante cômico a forma com que eles disputavam cada casca de manga jogada por mim. Quando um deles conseguia, finalmente, abocanhar uma casca, mal a punha no chão, para poder comê-la, e seus irmãos já apareciam querendo tomar sua refeição. Quando percebi que minha avó estava se sentando na cadeira de balanço, que estava no alpendre, joguei a última casca bem longe e os bacorinhos correram na direção dela. Aprendi isso com meu avô.

- Anda, Nathan, vem me ajudar a debulhar essas bajes, disse minha avó.

Quando eu me aproximei e sentei-me próximo a ela, de maneira que eu conseguisse fazer com que o feijão debulhado não caísse no chão, minha avó já estava com uma bacia cheia de bajens de feijão maduro sobre suas pernas. Enquanto a bacia se enchia pouco a pouco com

aqueles caroços miúdos de feijão branco, ficando o chão cada vez mais tomado por bajens secas partidas ao meio, a conversa se construía. Navegando sobre temas diversos, minha avó finalmente ancorou-se sobre o tema dos remédios. Em um momento ou outro da conversa, lembrei-me dos diálogos que Castaneda ([1960] 20--) teve com Don Juan, feiticeiro Yaqui. Essa lembrança não era ensejada pelo conteúdo da conversa que eu tive com minha avó – em nenhum momento ela falou-me de plantas, técnicas ou experiências que provocam estados especiais de percepção – mas por seu aspecto formal, ou seja, eu me sentia como aprendiz de certas técnicas, de certa maneira de estar em relação com eventos, coisas e seres. Nesse caso em específico, aprendia um pouco mais sobre o tratamento de algumas enfermidades, das quais algum bicho poderia padecer. Em outras conversas, minha avó me ensinara sobre as etapas de armazenamentos dos feijões e milhos. Poderia ainda citar os casos em que ela me contou sobre as raças dos bichos, sobre como distinguir uma “galinha pé seco” de uma “galinha da granja”, sobre o lugar de cada bicho etc. *Nesses momentos, ficava claro, para mim, que eu não estava simplesmente na casa de meus avós:*

- A gente sempre dá remédio, disse minha avó, com relação às doenças de suas criações, mas agora a gente tem preguiça de dar remédio do mato... De fazer uma garrafada de babosa. Mas se eu tivesse dado uma garrafada pra'quela cabra, que levou uma chifrada da outra, no bucho, ela já tinha ficado boa. A gente dá aroeira também, rapa-pau... A gente dava era rapa de aroeira pra's vacas. Eu dei às minhas... Tem o pau d'arco também, tem o marmeleiro, tem o mufumbo... Marmeleiro, quem tiver empasinado, é só rapar uma coisinha... era o remédio que a gente tomava, antigamente, mas agora os remédios tudo tem na farmácia. Se você está arrotando ruim, tá doendo a barriga, corta a rapa de marmeleiro. Tinha um monte bem por ali, mas eu mandei roçar. Agora, só tem mais pra lá. mufumbo é pra inflamação, infecção. Amburana serve pra a gente queimar a casca e cheirar pra desentupir o nariz. Aí sim, a gente tomava mais remédio do mato do que da farmácia.

- E essa aroeira serve para o que mesmo?

- Também para a vaca botar parto. Ela é tipo um antibiótico. A mãe tirava umas casquinhas, uns pedacinhos assim, para tirar o veneno e aí, botava de molho e dava à gente pra tomar. Mas é bom! Acaba toda infecção! O marmeleiro é pra dor de barriga, pra quem tá assim, comeu uma comida e tá com o bucho cheio (empasinado). Rapa o marmeleiro e bota uma quantidade de sal, amorna e toma.

- E pra que serve a babosa que você dá pra's cabras?
- A Babosa, a gente faz é garrafada. É um tipo de antibiótico.
- E essas plantas ainda tem por aqui?

- Tem, ali no canteiro tem malvariço e babosa. Agora, a amburana tem só lá no mato. A gente cozinha ela, bota um bocado de casca na panela e tampa, né, aí você fica tomando. Aí, se deita lá numa cama, numa cadeira. Aí, destampa a panela e fica cheirando. Ela é pra se você estiver entalecido... Uma gripe muito forte. Desentope o nariz num instante... Pois é, tem é muito remédio por aqui. Os meus meninos foram criados mais foi com esses remédios. Hoje eu tenho preguiça de fazer, e antes eu não tinha. Não tinha dinheiro pra levar pro médico, nem pra doutor.

- E as galinhas ficam muito doentes? Perguntei, após alguns segundos de silêncio.

- Ficam! E num dia desses não ficou, minhas galinhas! Foi preciso comprar um remédio. É dando remédio direto! Tetraciclina, terramicina que eu ponho na água.

- Você bota é na água, é?
- É! Boto na água, dou no bico, quando tá muito doente que não bebe...
- E as galinhas ficam doentes de que?

- Elas ficam com gogo. Gogo é catarro. Dá no olho... Essas galinhas da granja, eles botam remédio no olho, nos pintos. Quem tem granja, sabe, tem que dar remédio... Esses frangos são cheios de remédio, rapaz. Em quarenta dias eles estão frangos.

- Então, eles ficam com gogo...
- Ficam com gogo, aí dá remédio. Às vezes, se não der logo, morre.
- Você só usa os remédios comprados na farmácia?
- É... eu uso terramicina, tetraciclina, boto na água, lavo muito bem lavada as vasilhas...
- Pr'os bichos tudinho é o mesmo remédio?

- Não, pra as cabras é aquela tomarmamicina, sei lá como é, tomamicina, é uma coisa assim que a Maria dá. Tem para verme, que eu não sei como é o nome... É meu filho, precisa dar remédio para as cabras... e sal.

- Sal é pra que?
- Pra afinar... pra purificar, né.
- E antigamente, quando não tinha esses remédios?

- Sempre o povo dava remédio do mato. Quando a vaca dá bezerro, que não bota o segundo parto, como as minhas duas, que estavam pregadas, foi preciso dar duas injeções, aí a gente... Eu dei o remédio pra minha, por isso que ela botou pra fora.

- Que remédio era?

- É Aroeira, que tem nos matos, no pau, no pé de árvore. A Oiticica também, a gente rapa e faz a garrafada e bota na boca. Bota na garrafa e bota na boca dela, no canto e tem que segurar, né, aí segura e ela engole.

- E o mesmo remédio do mato que você dá pr'os bichos, você dava pr'os meninos também?

- Era... Ainda hoje tem demais, mas e o povo quer saber? Era um remédio que não é como esses comprados, esses antibióticos, essas coisas.

- E pra gripe tinha algum remédio?

- Deixa eu ver... Ah, pra gripe era a amburana. Ela é cheirosa... Só tem no cerrote, assim, pelo mato. Não sei nem se tem mais... Já tá tudo diferente. A gente rapava a amburana, fervia ela na panela tampada e aí, ia cheirando aquele vapor... Pois é, tem muito remédio medicinal, rapaz, aqui.

- E essa garrafada que você disse?

- É... a gente bota numa garrafa com água, a casca, aí a gente vai bebendo. Fica uns três dias, dois dias de molho, a média é três dias e aí, a gente vai bebendo.

Como minha avó disse nessa conversa, os remédios da farmácia, apesar de muitos não terem a mesma eficiência daqueles encontrados no mato, pela facilidade muito maior de acesso, estão cada vez mais presentes no armário da cozinha de meus avós. Além disso, os remédios do mato estão mais difíceis de serem encontrados. Muitos deles restam apenas nos serrotes, que oferecem alguns obstáculos àqueles que deles necessitam. Um indivíduo que anda pelo serrote está, por exemplo, sempre sujeito a ficar “areado”.

\* \* \*

Certa manhã, na cozinha de meus avós, a tia Maria estava comentando que um vizinho tinha se perdido no dia anterior enquanto andava em um serrote, situado nas proximidades da casa de meus avós. Segundo minha tia, além desse vizinho, o Evandro e meu avô já tinham se perdido nesse serrote. *De vez em quando a gente se perde no mato*, disse ela, *Lá tem uma coisa que... que roda as pessoas e as pessoas se perdem*. Em outras palavras, essas pessoas ficavam

“areadas”. Para minha tia, esses eventos se davam por causa de alguma *pessoa de antigamente que tinha morrido*.

Sempre que alguém, andando no mato, ficava areado, então não sabia mais o caminho por onde andara, nem mesmo qual caminho tomar. Em suma, um sujeito que ficava areado não sabia mais onde estava. *A pessoa, quando fica areado, vê os carros passar é pro rumo daqui, se o carro passa pra lá, vê pra cá. Vê tudo o contrário, sabe? E só quer ir pr'o lado errado, pra onde não é pra ir*, dizia minha tia, enquanto depenava um frango na pia da cozinha de minha avó. *E quando um se area e o outro não se area... É um trabalho porque um fica dizendo: Não rapaz, o caminho é por aqui! E o outro dizendo que não é.*

Uma das maiores preocupações da minha tia envolvia o ato de minha avó insistir em deixar as cabras nas capoeiras, que ficavam no pé do serrote mais próximo à casa de meus avós. Ainda que essas capoeiras, por terem sido antigos roçados, não apresentassem mata fechada, minha tia vivia com medo de minha avó se arear por lá e não conseguir mais voltar para casa. Todavia, para o sossego de minha tia (e de minha avó), pelo ao menos durante os meses em que eu estive no Góes, quase todos os dias eu fazia esse trabalho, evitando que minha avó o fizesse, mas sempre sob seu aviso: *Não é preciso você ir deixar elas muito longe, não!*

Infelizmente, não eram apenas as gentes que podiam se perder nos matos. Muitas vezes, algumas cabras não voltavam das capoeiras no final da tarde. Quando isso acontecia, minha avó ficava bastante preocupada, pois elas poderiam ter se perdido. E isso era uma perseguição muito grande, tão recorrente quanto as doenças.

Menos mal que o “Menino Vaqueiro” poderia prestar algum auxílio quando alguma criação se perdia. Foi a partir da tia Maria que fiquei sabendo da existência desse menino. *Quando a gente pede ele pra ajudar a achar alguma coisa, ele ajuda*, disse minha tia, já tirando as tripas do frango, e continuou: *às vezes, pra achar alguma coisa, eu peço a ele e às vezes, ele ajuda a botar as cabras pra irem pra casa... Esse menino vaqueiro, ele ficou perdido e morreu, não sei onde... Ele era vaqueiro e menino, então, de certo que virou um anjo... anjo dos animais...*

Já em Brasília, ao conversar com minha mãe sobre o Menino Vaqueiro, ela me disse que lembrava-se de que minha avó costumava encher com água um pequeno pote, o deixando no mato, perto do serrote. Segundo minha mãe, minha avó fazia isso quando alguma de suas criações, já considerada perdida, retornava para casa. *Quando a mãe pedia pro menino vaqueiro trazer alguma cabra que estava perdida no mato, e a cabra voltava pra casa, a mãe deixava um*



*pote de água lá pr'o menino vaqueiro beber, pois ele tinha morrido era de sede, perdido no mato.*

Se sair para o serrote durante o dia, seja atrás de plantas medicinais, seja atrás de lenha ou alguma caça, era algo considerado temerário, lançar mão em tais atividades durante a noite era, nesse sentido, ainda pior. E isso por causa das visagens, que ora se apresentavam como vultos, ora como bolas de fogo.

Meus avós falavam que essas visagens, muitas delas, eram de pessoas que haviam morrido, deixando alguma quantia em dinheiro enterrada nas suas antigas casas ou em algum lugar dos serrotes. Infelizmente, durante minha estadia em campo, não me mantive atento ao tema das visagens, no entanto, pelas histórias que meus avós me contaram (principalmente meu avô), essas visagens eram bastante assustadoras. Quando apareciam sob a forma de bolas de fogo, falavam coisas indecifráveis e era possível, inclusive, que duas bolas de fogo conversassem entre si.

Apenas em uma oportunidade conversei com meu avô sobre as visagens. Nessa ocasião, estávamos no alpendre e já era noite. Inicialmente, estávamos conversando sobre a prática de caça à noite, nos serrotes. Todavia, quando uma brisa fresca começou a correr através do alpendre, balançando as folhas dos mangueirais da croa, a paisagem lúgubre, que já tinha se instalado devido à luz queimada do poste, intensificou-se. Diante disso, as visagens tinham que surgir, mesmo que através de nossa conversa:

- Aparece tanta coisa no mato. Aparece visagem no mato, dizem que aparece redemoinho torcendo que passa perto da gente e sai arrastando tudo... Deus me livre... Até de dia é ruim de andar. Mas tem gente que é viciado em caçar à noite, vai caçar é longe. Tem gente que começa aqui e vai caçar lá pelas bandas do Riacho Fundo e vê visagem de noite, pedrada que bate nos paus, outros veem tocha de fogo no mato...

- E botija? Você já viu? Meu pai falava de uma tal botija...

- O povo dizia que tinha dinheiro nela...Mas acho que hoje não tem mais não. O pessoal agora enterra lá mais dinheiro. Naquele tempo era porque o pessoal era besta demais. Às vezes, sobrava uma mixariazinha velha e aí, o pessoal enterrava. É muita besteira, em vez de empregar em alguma coisa...

- E o pessoal enterrava, então?

- É... diz o povo que quando enterra dinheiro, quando passa um tempo, aquele dinheiro some de lá. Se encanta, sei lá como se faz. A pessoa vai, chega lá e não acha mais.

- Hum...

- Aí, a pessoa, às vezes, quando morre fica fazendo visagem, diz o povo que fica aparecendo aquela voz, às vezes um vulto, fica aparecendo a pessoa dizendo que tem aquele dinheiro, aquele negócio enterrado em tal parte e chama a pessoa pra ir arrancar. É... Não sei não se é verdade, o povo é quem inventa. Diz que tá penando por causa daquele dinheiro que enterrou em tal parte. Mas eu não sei se isso é verdade mesmo. Dizem que quando o cabra arranca, aí acaba a visagem. Às vezes, a visagem vai ensinar uma pessoa de longe, mas diz tudinho onde é, diz se a casa está sem gente, mas se na casa mora gente, eles ensinam como fazer para arrancar. Dizem para ir em um dia em que as pessoas estejam viajando. E é assim.... E dizem que é mal assombrado também. Quando o cabra vai pra arrancar a botija, encontra, né? Dizem que aparece muita coisa ao redor pra contrariar a pessoa, pra não arrancar. Aparece tanta coisa lá, aparece tocha de fogo, aparece bicho com os olhos de fogo. Aparece tudo em quanto arrodando o cara que está arrancado. E o cabra não pode arrancar de magote, só pode arrancar só. Só pode ir arrancar o cabra que a visagem ensina. E o cabra pergunta se pode ir mais alguém, mas a voz diz que não. Então, é preciso o cabra ter é peito para ir só. Se atrevia a ir só?

- Eu não...

- Nem que fosse muito dinheiro? Perguntou meu avô, rindo...

- Não sei...

- Não, quando chegar lá, diz que quando o cabra tá cavando tem tanta coisa ao redor dele querendo meter a mão, puxando... Égua, tu é doido. O cabra tem que ter é peito para ir, né?

- Pois é...

Realmente, eu não teria peito para desenterrar nenhuma botija. Mesmo que, não fazendo tal empresa, eu deixasse de praticar uma boa ação, ou seja, deixasse de libertar alguma visagem de sua pena; de seu castigo por não ter utilizado de forma eficiente, devido a certo egoísmo ou por outro motivo, seus bens *em prol da vida* de seus parentes e criações. Talvez, se alguém não tivesse escondido algum tostão em uma botija, a pobre cabra ou vaca não teria morrido de fome ou sede, retornando, por isso, à vida, em forma de uma besta para ameaçar um caboclo por comida.

O galo que minha tia estava tratando, enquanto conversávamos na cozinha sobre o “menino vaqueiro”, felizmente, não morrera de fome ou de sede. Muito pelo contrário, ele cresceu forte e saudável, graças aos cuidados que meus avós o ofereceram, graças à alimentação que o nutriu;

graças também à chuva que forneceu água e possibilitou que o legume crescesse. Ele fora servido ainda naquela manhã. Sua carne rendeu um saboroso almoço e foi capaz de devolver àqueles que dela se alimentaram um pouco da energia que fora consumida, desde muito cedo, em várias atividades, entre elas, na alimentação de outro frango que estava no chiqueiro, a aguardar o momento crucial, no qual, tendo já atingido o limite de sua riqueza nutritiva, poderia finalmente a compartilhar com os demais seres vivos.

## CAPÍTULO (TEMA) 3 - A MORTE

Aqui vou eu, deixando esse mundo.	De vossos sofrimentos.
E assim, morrendo, deixo-vos vivo.	Naquele dia em que
Quem de vocês sustentei	Por vossas vidas morri,
Com meu sangue e suor?	Mais um pouco morri.
Que parte desse mundo	Morrendo eu choro, rio também.
Jantei ontem com vocês?	E é por isso que eu morro,
Estão vendo essa ruga?	Porque bem nos faz morrer.
Ela nasceu naquele dia	

Eram sete e meia da manhã quando minha avó foi até meu quarto e me perguntou se eu estava acordado. Como eu respondi que estava, ela me disse que a tia Maria chamava-me para ajudar o Evandro a matar um bode. Então, rapidamente, eu me levantei e fui até o quintal da tia Maria. Enquanto caminhava, passando pelo quintal da casa de meus avôs e pela pequena croa que o separava do quintal da casa de minha tia, por algum motivo, lembrei-me de estranhos sonhos que tivera eu pouco antes de minha avó acordar-me. Já não conseguia entender claramente o significado desses sonhos, mas com muito esforço, vislumbrei ovelhas falantes e uma assembleia inusitada...

Quando cheguei ao quintal de minha tia, avistei Evandro e uma criança chamada Gabriel, filho de uma vizinha. Além deles, havia um bode amarrado, pelo pescoço, em um chiqueiro de galinha. Ao mirá-lo nos olhos, pensei que ele estava adivinhando a chegada de sua morte. Ele era grande e parecia estar bem gordo. Também era capado, sinal de que tinha sido criado para ser sacrificado. Coisa parecida ocorria com relação aos *capões*. Uma vez que um pinto de minha avó se tornava frango, chegava-se o momento em que ela escolhia se ele seria um capão ou um galo. Apesar de nunca ter prestado muita atenção a esse processo, lembro-me bem de minha mãe comentando, há algumas semanas, que, em certa época, minha avó escolhia um “frango bonito” para ser capão. Para tanto, ela extraia os órgãos genitais do animal. A partir desse momento,

minha avó tratava esse capão de maneira diferenciada. Por exemplo, ela passaria a alimentá-lo, pelo resto da vida dele, com as próprias mãos, empurrando-lhe milho pisado no bico. A essa atividade, minha avó chamava de “socar o capão”. Caso a extração dos órgãos genitais não tivesse sucesso por algum motivo, o frango se tornaria um *galo roncoiro*, que não seria nem galo, nem capão. Segundo minha mãe, ele ficaria um *galo viado*, *não ficaria mais galo, nem capão*.

Voltemos ao quintal de minha tia. Minha presença ali seria útil para ajudar a suspender o bode já morto. Essa suspensão era necessária para que fosse possível, primeiramente, tirar-lhe o couro, e depois, tirar-lhe as carnes e tudo o mais que fosse aproveitável de alguma forma.

Mas o bode ainda estava vivo, e quando Evandro o desprende da cerca, disse-me que era melhor que eu saísse dali se eu não quisesse ver o animal sendo abatido. Minha presença não era necessária naquele momento. Eu concordei que preferiria não ver aquilo e saí de perto. O bode seria abatido com golpes de machado, mas não com o lado cortante do instrumento, pois a intenção era quebrar-lhe as vértebras que ligavam sua cabeça ao restante do corpo. De longe, escutei o som das pancadas e o animal tombando. Então, Evandro me chamou para suspender o bode. Havia por perto uma estrutura formada por lenhas parecida com as traves de um campo de futebol. No entanto, a vara que se assemelhava a um travessão era bem mais curta.

- Nathan, eu vou colocar a corda sobre a vara e puxar do outro lado. Tu pega na perna do bode e ajuda a levantar ele, disse Evandro.

- Unhum...

Então, agarrei as patas traseiras do animal, fazendo muita força para levantá-lo, enquanto Evandro deu um nó tão rápido na corda que não consegui perceber que eu já poderia me afastar. Foi preciso que Evandro dissesse-me que eu já poderia soltar as patas do bode. Quando fiz isso, tomei alguma distância. Assim, consegui ver que o animal parecia ainda estar vivo. De repente, Evandro pediu-me para entregar-lhe a faca que estava sobre o chiqueiro. Quando eu o entreguei, ele deu um golpe no pescoço do bode e um rio de sangue se formou imediatamente. O sangue jorrou por alguns minutos de forma muito intensa. Mas mesmo assim, o animal parecia continuar vivo. Percebendo isso, Evandro me disse para sair de perto, pois o fato de eu estar com pena do animal, o estava impedindo de morrer. Além disso, Evandro pediu para Gabriel ir embora, pois as crianças, segundo ele, também empatariam a morte dos animais.

Ao ouvir isso, minha tia, que observava a cena da porta de sua cozinha, me chamou para entrar em sua casa.

- Anda Nathan! Vem pra casa! Senão o bode não morre.

- É! Vai Nathan, vai menino, disse Evandro, que também queria que o Gabriel fosse embora.

- E se tiver pena, o bicho não morre? Perguntei à minha tia.

- É! Não pode ter pena, disse tia Maria, é que teu pai, quando vinha passar o final de semana na casa da mãe e via o pessoal matando os bichos, ele tinha pena, aí tu também tem. Um tempo desse, o pessoal tava matando uns bichos, era garrote, era bacorinho, bode e os bichos não morriam nunca, e o povo não sabia o porquê. Daí, descobriram que era porque teu pai tava com pena. Por isso, não quiseram mais que ele ficasse vendo essas coisas.

Pensando bem, porque eu haveria de ter pena? O que a pena significaria, nesse caso? Numa passagem dos *Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, o velho Grigori, criado de Fiódor Karamázov, pai dos irmãos Karamázov, falou em uma conversa casual, após um almoço servido à mesa do próprio Fiódor, que ouvira de um comerciante que certo soldado russo, ao ser capturado por asiáticos, em alguma parte das fronteiras Russas, foi forçado a se converter ao Islã. No entanto, o soldado não o fez, pois negou-se a renunciar à fé cristã. Como resultado morreu em torturas e por esfolação, louvando, todavia, e glorificando Cristo. Ora, num caso como no outro, a morte seria uma mera perda de vínculo com a vida? E se a morte for uma **forma de circulação de vida**, como mostra Francis Nyamnjoh (2015), em um artigo no qual analisa um romance do escritor nigeriano, Amos Tutuola? Nesse romance intitulado, *The Palm-Wine Drinkard*, o escritor nigeriano expõe epistemologias populares africanas por meio de personagens e lugares que nos permitem ter contato com formas de conhecimento muito pouco (ou nenhum pouco) documentadas na literatura moderna ocidental. Entre esses personagens e lugares representados no romance de Amos Tutuola, chamou-me mais atenção a *Death's Town*. Assemelhando-se muito com o “mundo dos vivos”, a *Death's Town* seria um lugar aconchegante, onde seus habitantes, os mortos, teriam uma vida semelhante (ou até melhor) que a dos habitantes do mundo dos vivos. Os habitantes da *Death's Town* deveriam, no entanto, trabalhar, ter um cavalo, uma fazenda e plantações para que conseguissem se sustentar em uma vida saudável, evitando assim, devorarem a si mesmos. Sendo assim, a morte (ou o estar morto) não representaria a perda de vínculo com a vida, mas uma forma de circulação de vida. Morrer não seria perder a vida, mas viver de outra forma, em outro contexto. Ora, o que é viver, se não morrer a cada dia para que a vida seja possível, de alguma forma?

Finalmente, compreendendo que meus serviços não seriam mais úteis no quintal de minha tia, e que eu acordara com fome, resolvi voltar para a casa de minha avó. Ela já estava preparando o café da manhã.

- Já mataram o bode? Perguntou minha avó quando eu entrei na cozinha de sua casa.

- Já! Mas parece que ele tava ruim de morrer.

- É porque você tava com pena, não era não?

- O Evandro disse que era.

- Ah... Respondeu minha avó, rindo um pouco.

- Esse bode era do Evandro? Perguntei.

- Não... Ele comprou de um homem lá da Onça pra matar.

- Ah ta... E você já matou alguma cabra sua esse ano?

- Não, matei não.

- Mas você ainda vai matar esse ano, alguma cabra?

- Só os bodes.

- E você não tem pena?

- A gente cria é pra matar mesmo. Aquela cabra velha que eu tenho, aquela que já 'tá caduca, é para matar, a bichinha.

- Então, as cabras velhas devem ser matadas?

- É! Mas acho que não vou ter coragem de matar a Caduca.

- Alguma cabra já morreu de velha?

- Já... Uma que minha mãe me deu.

- E quando morre de velha, pode comer?

- Não, porque, às vezes, tem alguma doença.

Como minha avó mesmo disse, ela sempre criou seus bichos para matar. Ora, nas paisagens em que participei de alguma forma, estavam em jogo a vida e a morte, ou melhor, estava em jogo a troca não de qualquer bem, mas do bem mais caro: a vida. Um bem que, por sua singularidade e apreço inestimáveis só poderia ser trocado por outro bem tão infinitamente inestimável, qual seja, a vida ela mesma. Todavia, a matança, como retratada na paisagem acima, não representava a única forma possível de morrer ou de doar a vida. A Caduca, por exemplo, nunca fora matada. Ademais, certos critérios, técnicas e cuidados giravam em torno da matança de algum bicho. Certos lugares eram reservados a isso e *paisagens específicas precisavam ser criadas* para que

um animal fosse matado. Como o nascimento, a morte mostrou-se, portanto, um processo que gerava muita peleja, consumindo vida.

### 3.1. A MORTE SE PROCESSANDO.

Raramente minha avó despendia muito tempo no alpendre, durante a noite. O mais das vezes, ela se recolhia em seu quarto, para fazer massagens em suas pernas enquanto assistia televisão. Ou então, caminhava até a casa da tia Maria, o que não exigia mais do que um ou dois minutos de caminhada. No entanto, uma vez ou outra, após ter servido a janta de meu avô, ela se acomodava sobre uma de suas cadeiras de balanço, que ficavam no alpendre durante quase todo o dia e, inexoravelmente, durante a noite. Nessas ocasiões, minha avó tecia comentários os mais variados sobre seus bichos, seus filhos e netos. Uma hora se embestia ao observar seus frangos, que permaneciam durante toda a noite e madrugada ao redor do poste, que iluminava com tons laranjas o terreiro da casa de meus avós. Em outros momentos, se maldizia pelo estado de saúde de alguns de seus bichos. Então, fazia-me perguntas sobre “minhas pesquisas” e, finalmente, deixava-se sorver em interrogações sobre a possibilidade de chuva no dia seguinte, e em lembranças dos “tempos antigos”.

Foi mais ou menos em meio a tal paisagem que eu estava, quando perguntei à minha avó sobre como se matam os bois. Assim, sentado numa cadeira de balanço, à direita da entrada da casa, dirigi à minha avó algumas perguntas que, tendo sido ouvidas pelo cachorro, que estava deitado próximo a um canto do alpendre, apenas ajudaram-no a manter os olhos abertos, mas tendo sido ouvidas por minha avó, que se balançava em sua cadeira no lado esquerdo do alpendre, ensejaram alguns minutos de conversa.

- E para matar um boi, como é que faz?

- São os homens que matam. Lá no curral. Laçam o boi e aí eles tacam bem no cachaço, com o machado; no matador, a gente sabe onde é o matador.

- É bem no pescoço, é?

- É bem aqui... bem no cachaço. Num instante que dá uma pancada, ele cai. E aí, sangra. Aí, eles dão mais pancadas, mas eu lá vou lá olhar... Quando vão matar um porco aqui, eu saio pra loooonge... e essas vacas, eu tampo é os ouvidos. Ora, a bichinha dá aquele *béeee*. A



bichinha... Mas Deus deixou assim, né? Pra gente criar e depois matar, pra comer. A gente cria pra comer, né? Mas a gente que cria, desde quando a bichinha é pequena, se apega e aí...

- Até com as galinhas?

- Até com as galinhas! Unhum! Tem uma que sai atrás de mim: *cóccóccóccó*... Aí a gente quer matar? Eu mato não... mas eu mato ainda as bichinhas...

- É puxando o pescoço, né?

- É... mas eu quase nem tenho mais força...

- Uma vez minha mãe tentou matar uma, mas não tava conseguindo...

- Aí, a bichinha não morria?

- É...

- A gente não gosta de matar as bichinhas... Eu já matei demais. Um dia destes eu, naquele dia eu matei um frangão pra tu levar pra's meninas – ou seja, minhas irmãs – de madrugada. Quase que eu quebro minha mão pra puxar naquele pescoço, mas matei e mandei.

O galo que minha avó matara estava no chiqueiro já faziam alguns dias, no máximo dois meses. Esse era o tempo necessário para que um galo, estando no chiqueiro, engordasse depressa. Além disso, esse tempo seria suficiente para deixar-lhe a carne saborosa. O chiqueiro em si, de forma absolutamente quadrada, se assemelhava a uma pequena barraca de paredes altas, construídas à base de lenhas retorcidas. O teto era totalmente plano e sustentava toda a sorte de arames e de ferramentas usadas em vários pequenos serviços de carpintaria e de reforma de muretas, baldes, calçamento etc., com os quais meu avô costumava ocupar-se em algumas manhãs. Para que possamos entrar dentro do poleiro, é preciso que curvemos um pouco o dorso. Já dentro, nos deparamos com uma vara horizontal, que mantinha uma distância de meio metro com relação ao chão, sobre a qual o galo pode passar o dia. Alguma sujeira pelo chão, algum xerém e nada mais. É um lugar que serve tanto para a engorda de algum galo, quanto para a quarentena de alguma galinha doente. Ele resulta na morte e na recuperação da vida; engorda e destina à morte. Tira de um, dá a outro.

Todavia, era possível que, por causa de perseguições, um galo, mesmo tendo sido colocado no chiqueiro, não alcançasse o dia fatídico, no qual, sendo matado, nutriria a outrem. No final de um dos dias em que estive na casa de meus avós, ao chegar na cozinha, vi que a tia Maria estava depenando um galo. Não demorou muito para ela me dizer que aquele galo tinha sido encontrado

morto no quintal. Minha avó, que já estava na cozinha quando eu cheguei, me disse que ele morrera por causa do sol quente.

- Ele morreu porque não saiu do sol! Disse minha avó, com voz entrecortada.

- Invai, mas ele ficou no sol até morrer? Perguntei.

- Foi... O pobrezinho ficou no sol, andando para lá e pra cá, querendo passar pelo arame da cerca, pra sair, mas não conseguiu, de certo. Minha avó proferiu essas palavras de forma um tanto arrastada e lamentada.

Enquanto qualquer um pode ser embruxado por inimigos BORGES (2012), e assim morrer – Manegaliso, antigo líder dos *farm dwellers* na África do Sul, sentiu essa possibilidade na pele – perseguições assolavam ou dificultavam a vida das criações de meus avós. No presente caso, o galo morreu em decorrência de uma perseguição, da qual o sol obviamente foi um dos elementos. Provavelmente, o galo poderia ter escapado à morte, caso minha tia tivesse contado que sonhara com a morte dele. Infelizmente, o galo não tivera tanta sorte quanto Manegaliso, que ficara sabendo, enquanto esperava com minha orientadora, Antonádia, um voo para Harare, que seu primo tinha sonhado com sua morte. Diante disso, Manegaliso pôde tomar as providências para evitar o pior. Mas quanto ao galo, ele acabou virando almoço antes do tempo.

- E eu sonhei com esse bicho ontem, disse a tia Maria.

- E foi mulher? Perguntou minha avó, de supetão, mostrando grande surpresa.

- Foi! Eu sonhei que você tentava pegar um frango, mas que ele sempre fugia! Ele voava por cima de você.

- Olha mulher! Pois foi do mesmo jeitinho que aconteceu mesmo hoje de manhã. Eu tirei o galo do chiqueiro pra limpar o chiqueiro e o bicho voou por cima de mim... Porque tu não me disse mulher, que tu tinha sonhado? Perguntou minha avó, visivelmente decepcionada.

- Pois é...

- E ele estava no sol e não saiu até morrer? Será que não estava doente? Perguntei.

- Tava lá doente, meu filho! Se o bicho, de manhã, saiu voando por cima de mim! Esse bicho morreu foi de ficar no sol, o bichinho, ficou andando de lá pra cá, sem conseguir sair do quintal... E eu ficava pensando direto em ir ver o bicho, mas não ia. E eu achando estranho que esse bicho não cantava, ele tava calado... E era toda hora eu pensando em ir ver esse bicho, onde ‘tava, mas nunca fui – disse minha avó, visivelmente tocada pela morte do galo.

- Mas você ia matar ele mesmo, não era não? Ele não ‘tava no chiqueiro? Disse eu.

- Não meu filho, mas o bichinho morreu sofrendo, no sol! *Isso é besteira que a gente faz mesmo... Se a gente não pode fazer uma coisa, então, é melhor deixar quieto...* Eu fui com isso de limpar o chiqueiro e soltar esse bicho pra botar a massa no chão (cimentar o chão) e tá aí, o bicho morreu... e ainda fiquei toda arrebitada das costas. Oh, meu Deus...

Um galo, ou outro animal que morria “antes do tempo”, seja por alguma doença, seja perdido, seja morto por alguém ou outro animal, causava uma pena imensa aos meus avós. E quanto mais difícil era fazer com que algum bicho não morresse por conta dessas perseguições, mais desanimada ficava minha avó de criá-lo.

- Esses bichos dão muito trabalho meu filho. Eles sugam a vida da gente. Disse-me certa vez minha avó, na cozinha de sua casa.

- Você passa o dia todo lidando com eles, né?

- É... eu vou é vender isto – respondeu minha avó que, após alguns segundos de silêncio, concluiu: *mas eu quero é bem esses bichos.*

Tendo um galo passado a viver no chiqueiro, restava à minha avó alimentá-lo, averiguar diariamente o estado de saúde dele e cuidar para que não escapasse para o quintal. Essa rotina poderia ou não se estender por dois meses. Se o galo fugisse para o quintal, permanecendo por um ou dois dias fora do chiqueiro, certamente teria alongada sua estadia nesse lugar. No entanto, se, por exemplo, um parente de minha avó chegasse de longe (alguma cidade próxima já poderia ser considerada como um lugar longe) para almoçar, o galo que escapara do chiqueiro dias antes, já poderia ser abatido. O próprio galo que minha avó mandara para minhas irmãs estava no chiqueiro havia apenas três semanas. E antes disso, antes de ter sido escolhido para viver no chiqueiro, tinha passado toda sua vida no quintal.

Algumas vezes tive que pasturar alguns pintos enquanto comiam seu xerém. Uma atividade um tanto entediante, salvo pelo entretenimento que a disputa entre eles, pelo xerém, proporcionava-me. Em certa ocasião, enquanto eu pastorava os pintos, minha avó adentrou no chiqueiro, pegou uma galinha que lá estava, trazendo-a para fora, e apalpou-lhe o papo. Como minha avó permanecia perto o suficiente para que eu pudesse conversar com ela, fiz-lhe perguntas sobre o chiqueiro:

- Vó, como você escolhe quais as galinhas que você vai colocar no chiqueiro?

- Eu coloco mais os galos.

- E as galinhas? Você não as coloca?

- Não muito, porque as galinhas são pra porem ovos.
- E como você escolhe qual galo vai pr'o chiqueiro?
- Eu escolho qualquer um...
- Você escolhe os que você menos gosta?
- Eu escolho qualquer um que eu achar bom pra comer... Aquela galinha ali, eu não vou botar porque ela tá muito gorda a pobre... Até os bichos brutos tem alguns que são exagerados... Deixa ver se ela se recupera...
- E essa galinha que 'tava no chiqueiro?
- Essa parece que tá doente. Ela tá com o papo grande.
- Tá inchado o papo?
- Não, tá só grande... parece que ela comeu plástico.
- Você vai dar remédio a ela?
- Não, vou deixar ela aí, se ela não ficar boa, talvez eu tenha que fazer igual minha mãe fazia... Tem que cortar o papo dela e tirar o que tá dentro... igual uma cirurgia – respondeu minha avó, com a galinha nos braços.

\* \* \*

Tendo sido aquele galo que minha tia tratava, enquanto conversava comigo sobre o “menino vaqueiro”, devorado no almoço, o que dele sobrou, o caldo obtido de sua carne cozida, também seria consumido. Mas não por mim ou por meus avós e alguns parentes, que já tinham ficado bem alimentados com o galo, mas pela porca, que estava em um chiqueiro, situado numa parte alta (em um pequeno morro) do quintal de meus avós. Além disso, algum arroz ou feijão que sobrara no prato de alguém tinha já endereço certo: o estômago do cachorro (ou de algum gato que aparecesse na ocasião do almoço). Dias antes, a citada porca vivia solta, passeando para lá e para cá, nas proximidades e no próprio terreiro da casa de meus avós. No entanto, após eles terem percebido que os bacorinhos estavam quase matando a porca, chegou-se à decisão de que seria melhor separá-la deles.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> O caso da porca é um pouco mais complicado do que isso. Na verdade, meus avós tinham, primeiramente, resolvido prender os bacorinhos, filhos dela, em um chiqueiro. Isso porque, eles estavam “matando a porca de tanto beberem leite”. O problema é que, dias depois, os bacorinhos da tia Maria começaram a mamar nessa porca. Diante disso, meus avós acharam que seria melhor soltar os bacorinhos dela e a deixar presa em um chiqueiro, pelo ao menos durante certo período. Acontece que, passados alguns dias, ao saber que um de meus primos viajaria para Brasília, meus avós resolveram que seria melhor matar a tal porca, para mandar carne a alguns de meus tios.

Enquanto estava solta, a porca amamentava cinco bacorinhos, que foram parte de um processo de nascimento. Dotados de uma fome inabalável, sugavam o leite de sua mãe várias vezes por dia, a ponto de deixá-la, como meus avós comentavam, “só o couro”. Enganados estaríamos se pensássemos que o leite, com o qual a porca alimentava seus filhos, não era resultado de muita peleja. Passe um dia sem alimentar uma porca ou uma vaca e veremos o que acontece. Certo dia, minha avó disse-me que a porca não estava dando leite para os bacorinhos, pois seu leite secara devido ao fato dela não ter sido alimentada durante a manhã daquele dia. Quanto à vaca, seu leite também dependia de sua alimentação, segundo contou-me meu avô: *A vaca só dá leite se comer bem né, se comer assim: na cocheira. Tem que ter ração boa pra ela encher a barriga e se fartar. Tem que ter água à vontade.*

Enquanto a água caía do céu, boa parte da alimentação que sustentava todos esses **bichos brutos e os bichos de casa** caía dos legumes, ou melhor, era tirada de lá. Mas isso justamente porque a água tinha caído do céu, porque os bichos de casa prepararam as croas e plantaram as sementes de milho, de feijão, jerimum, melancia, capim etc.; porque a terra tinha vitamina; porque o camaleão, as golinhas, os sabacus, as borboletas, lagartas não devoraram todo o legume, apesar de terem conseguido se alimentar bem dele. Todavia (e novamente), nem só de milho (ou de leite) vivem as criações. O que seria delas sem a aroueira, sem o mufumbo ou o marmeleiro, sem a tormamicina, a terramicina ou a tetraciclina?

Mas não basta que, estando saudáveis e bem alimentadas, as cabras tenham leite suficiente para amamentarem novas vidas. É preciso ainda que elas contribuam com a manutenção delas.

- Essas cabras... Oh, bichas doidas... Tem uns cabritinhos pra dar leite, mas nem assim elas voltaram... Oh, bicho infeliz... A gente solta nas capoeiras, mas elas não comem nada lá, só com o destino de ir pra pista. É um bicho ordinário! Parece que tem um bicho chupando elas pro rumo de lá, disse meu avô, inconformado com suas cabras.

Com a contribuição ou não das cabras, por exemplo, a peleja não cessava. As perseguições continuavam a perseguir, os bichos continuavam a querer milho e meus avós continuavam a negociar com eles um pouco mais de vida, um pouco mais de morte. A despeito das várias formas disso acontecer, nenhuma morte era em vão, mas justamente porque nenhuma vida era em vão. E ainda que as perseguições fossem grandes, se a peleja continuava, era porque algo estava se mantendo vivo, enquanto algo morria. Porque viver não é nada mais do que morrer pela vida. Isso eu aprendi com meus avós, durante o tempo em que passei na casa deles.

## RECORTES



*Meu avô “espiando” o tempo.*



*O bode mais manso.*



*As galinhas detestam a chuva.*



*Minha avó pastorando os bacorinhos enquanto comem.*





*A croa de meus avós*



*Meu avô debulhando feijão no alpendre.*





*Minha avó dando milho às suas galinhas. Ela faz um som com a boca, para chama-las, que eu nunca consegui fazer, apesar das tentativas.*



*A casa de meus avós.*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALMEIDA, Roberto Alves. (2005): Do tempo da terra comum ao Espremimento. Estudo sobre a lógica e o saber camponês na Baixada Cuiabana. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

BLOFELD, John. (1995): Taoísmo: o caminho para a imortalidade. São Paulo: Editora Pensamento.

BORGES, Antonádia Monteiro. (2012): Ser embruxado: Notas epistemológicas sobre razão e poder na antropologia. Civitas, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 469-488, set-dez. 2012.

CASTANEDA, Carlos. ([1960] 20--): A Erva do Diabo. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

DESCOLA, Philippe. ([1993] 2006): As Lanças do Crepúsculo. São Paulo: CosacNaify.

\_\_\_\_\_. (1986): La Nature Domestique. Paris : Ed. de la Maison des sciences de l'homme.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. ([1880] 2009): Os irmãos Karamázov. São Paulo: Editora 34 Ltda.

DURKHEIM, Émile. ([1893] 2008): Divisão do Trabalho Social. São Paulo: Martins Fontes.

FLEISCHER, Soraya Resende. (2011): Parteiras, buchudas e aperreios: uma etnografia do cuidado obstétrico não oficial na cidade de Melgaço. Belém-PA: Paka-Tatu; Sant Cruz do Sul: EDUNISC.

HARAWAY, Donna J. (2008): When Species Meet. London : University of Minnesota Press.

INGOLD, Tim. (1995): Humanidade e Animalidade. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. ANPOCS, 28, ano 10, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (2003): Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LAW, John. & MOOL, Anne-Marie. (2008): El actor-actuado: La oveja de la Cumbria en 2001. Política y Sociedad, 2008, Vol. 45 Núm. 3:75-92.

\_\_\_\_\_. (1994): Notas sobre el materialismo. Política y Sociedad, 14/15 (1993-1994), Madrid (pp. 47-57).

LAW, John. (2003): Making a mess with method. Department of Sociology and Centre for Science Studies, Lancaster University, Lancaster, UK.

\_\_\_\_\_. (2011): Assembling the Baroque. Centre for Research on Socio-Cultural Change, The Open University, Walton Hall, Milton Keynes, UK.

NYAMNJOH, Francis B. (2015): Amos Tutuola's *The Palm-Wine Drinkard* and the Art of Endless Possibilities. Forthcoming in African Affairs: Journal of the Royal African Society.

PEIRANO, Mariza. (2014): Etnografia não é método. Porto Alegre, ano 20, n.42, jul/dez. 2014.

RAPPORT, Nigel. (2005): The morality of locality on the absolutism of landownership in an English village. In: Ethnography of Moralities.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. ([1755] 1983): Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens. In: Os pensadores (Rousseau). São Paulo: Abril Cultural.

SÁ, Guilherme José da Silva. (no prelo). "Você é um Homem ou é um rato?": elementos para uma fábula pós-humanista.

SAUSSURRE, Ferdinand. ([1916] 2006): Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix.

WOORTMANN, Ellen. (2009): O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: Diversidade do campesinato: expressões e categorias. São Paulo: Ed. Unesp.